



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Letícia Silva dos Santos

CABELOS CRESPOS: Identidade e Resistência Negra.

Rio de Janeiro

2016

Letícia Silva dos Santos

CABELOS CRESPOS: Identidade e Resistência Negra.

Projeto de monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientador(a): Valéria Fernandes Carvalho

Rio de Janeiro

2016

AGRADECIMENTOS

Quando decidi optar por desenvolver uma pesquisa com a temática tão próxima da minha realidade, nunca imaginei a proporção do impacto que ela me causaria, tão pouco, mensurar a importância que ela teria ao longo de toda a minha vida. Mas jamais chegaria até aqui sem a ajuda de pessoas queridas.

A Deus que tornou tudo isso possível.

A minha orientadora Valéria Carvalho, pela paciência, dedicação e por tornar esse processo bem mais gratificante e alegre com a sua companhia e sabedoria.

Aos Boleketes, que sempre me apoiaram e nunca me deixaram desistir.

A instituição de ensino EPSJV, que me deu a oportunidade dessa realização.

Aos meus pais pelo apoio e o incentivo incondicional.

*"O cabelo é uma
marca de procedência
e é através dele que o
negro marca sua
estética perante a
sociedade,
constituindo também
um posicionamento
político"
(Raul Geovanni Lody)*

RESUMO

Este projeto tem como objetivo abordar e analisar o processo de autoaceitação de negros e afrodescendentes mediante a sua estética capilar como um dos aspectos de afirmação da identidade e cultura negro-afro-brasileira. Nesse sentido, buscar-se-á entender o processo de autoaceitação do cabelo do negro e verificar, se isso se caracteriza como resistência aos padrões de beleza hegemônicos na sociedade e constituição da consciência racial.

Palavras-chave: Racismo; identidade; estética negra e resistência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1	05
CAPÍTULO 2	16
CAPÍTULO 3	22
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia apresenta uma reflexão sobre o processo de construção da identidade afrodescendente através do uso do cabelo crespo natural.

A escolha deste tema surgiu da experiência que vivenciei, através do processo - chamado por muitos - de “ *processo de transição*”. A transição é o processo através do qual, principalmente, as mulheres que têm cabelos alisados ou quimicamente relaxados passam a deixa-los completamente natural.

Esse processo foi muito difundido pelas mulheres afro-americanas através das redes sociais. A receptividade à questão foi tão grande que levou à elaboração de um documentário chamado “*Transition*” . Esse documentário também foi uma das motivações para a escolha do meu tema de monografia. Percebi que a transição é cada vez mais experimentada por mulheres afrodescendentes, mas ainda é muito pouco tratada como objeto de estudo e reflexão.

No meu *processo de transição*, processo que considero de *auto-aceitação*, foi muito importante saber, através de redes sociais, blogs, sites, curtametragens e documentários que havia uma infinidade de mulheres de todas as idades, e até mesmo de outros países, que tinham um história comum e passavam pelas mesmas situações em que eu me encontrava. Mulheres que aprenderam sozinhas a cuidarem de seus próprios cabelos e compartilharam com o mundo seus conhecimentos.

Nos referidos espaços e fontes é comum o relato sobre a *violência simbólica*¹ que nós (afrodescendentes) sofremos e que nos leva à violência física, ao nos submetemos ao tratamento químico de nossos cabelos, para nos enquadrarmos dentro do padrão de beleza eurocentrado que predomina em nossa sociedade.

A pesquisa desenvolvida nessa monografia trata de uma questão que atinge uma grande parcela da população brasileira e que afeta diretamente na formação da identidade do indivíduo estando inteiramente ligado à formação da personalidade e do autoconhecimento.

Diante do exposto, este trabalho pretendeu responder às seguintes questões: De que maneira o comportamento de parte significativa da sociedade exerce influência sobre a questão da estética negra? Como foi construído o processo de negação e de aceitação da identidade negra?

¹ BOURDIEU, Pierre

Nesse sentido, o objeto proposto nessa pesquisa foi analisado baseado no que entendi ser um movimento único ou que constitui-se como uma totalidade, qual seja: os negros, de forma predominante, se constituíram, e ainda se constituem, historicamente como negação, é como se fosse um construir-se desconstruindo-se, negando-se. Entendo que essa é uma forma de construção de si. Constrói-se *massacrando* suas raízes africanas, *massacrando* sua identidade, nos dizeres de Souza. Dessa forma, constituir a identidade afrodescendente parte da desconstrução da construção anterior (eurocentrada), da desconstrução da negação de si. Nesse processo de desconstrução, emerge a construção da identidade afrodescendente.

No primeiro capítulo da pesquisa desenvolvi a reflexão sobre as questões que permeiam a concepção de raça no Brasil como um fator essencial para a construção da negação da identidade negra e afrodescendente. Ou seja, busquei compreender como a negação do negro foi construída; quais as consequências da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial para a construção da percepção dos negros sobre si mesmo, assim como os efeitos psicológicos oriundos destas concepções, entendendo-os como pontos fundamentais para a representação da estética negra. Construção da percepção de si – do negro – baseado na sua negação (na sua desconstrução, na negação e anulação de suas raízes africanas), através de padrões de beleza eurocêntricos.

No segundo capítulo, busquei apresentar minha compreensão sobre o desenvolvimento da construção da identidade negra através do resgate, valorização e afirmação das raízes africanas. Entendo que essa construção parte da desconstrução da “negação de si, da negação do negro como negro, da negação do ser negro”; da negação da identidade ambígua e desconectada do corpo do negro. Desconstrução entendida já como reconstrução do ser negro através de sua cultura, sua origem, sua história, de suas raízes africanas. Através de revisão bibliográfica busquei identificar e analisar como essa construção da identidade negra surgiu e de que forma ela se expressa. Desconstrução da construção de si baseado no padrão de beleza eurocêntrico, como processo de construção da identidade negra.

No terceiro capítulo apresento a análise do trabalho de campo, à luz das questões centrais da pesquisa.

Iniciei a pesquisa em trabalho de campo, com base no conteúdo estudado e já elaborado ao longo do projeto, pensando no formato que seria o questionário e listando diversas questões que poderiam contribuir no enriquecimento do trabalho.

Pesquisei aleatoriamente por páginas que apresentassem como temática o cabelo do negro (crespo, cacheado ou ondulado)² e consegui realizar um levantamento de 41. Após isso fiz uma pré-seleção das páginas apuradas, levando em consideração dois fatores importantes. O primeiro diz respeito à temática, e para tanto analisei nos perfis a opção “sobre” que retrata exatamente os assuntos que são trabalhados e como estes são abordados, nesse sentido na descrição dos perfis algumas palavras que se aproximavam do universo da pesquisa me chamaram atenção e então comecei a destaca-las, e dentre elas estão: racismo, consciência negra, identidade, transição capilar, beleza e estética negra. O segundo fator é o ano em que a página foi criada, pois como se trata de um movimento que vem recorrendo recentemente esse fator se torna bastante relevante, com isso, selecionei as páginas que possuísem uma linha do tempo que iniciasse a partir de 2010 até no máximo 2014, porque assim teria páginas que estivessem na rede há no mínimo por volta de 1 ano o que também me levou a crer que elas teriam um público grande e um maior número de atividades interativas desenvolvidas.

E de 41 páginas levantadas restaram 19 que se enquadraram aos critérios e foram convidadas a participar da pesquisa. Procurei uma forma de entrar em contato com as administradoras das páginas e fiz uma carta de apresentação discorrendo a cerca do tema da pesquisa, como ela seria realizada e de que forma eles poderiam contribuir caso aceitassem participar. Através de e-mails, blogs (que consegui encontrar em seus perfis) e mensagens imbox por Facebook entrei em contatos com elas e enviei em anexo o projeto caso houvesse interesse. Após isso comecei a me debruçar a pensar como seria a abordagem utilizada na pesquisa, e então optei pelo questionário, que me economizaria mais tempo, além de ser o espaço onde esse movimento se constitui e onde os “internautas” se sentem mais a vontade de expressar, por ser um lugar com pessoas que embora desconhecidas, são comuns em suas vivências, experiências e até mesmo objetivos. Produzi um roteiro de questões para as administradoras e uma questão para ser lançada por elas para seus seguidores, no perfil da página e das 19 páginas notificadas 7 responderam ao questionário e 200 seguidores responderam a questão lançada em suas respectivas páginas.

O projeto foi desenvolvido através de abordagem qualitativa. Dessa forma, para compreender o movimento das mulheres negras e afrodescedentes na afirmação de sua

² Atento para essas variações de texturas de cabelo porque são questões trabalhadas e pontuadas pelo público que realiza atividades em torno da temática.

identidade e auto aceitação de sua estética realizei análise da literatura sobre o tema, assim como, análise das postagens de páginas no facebook que abordam a questão proposta para reflexão.

Para identificar a origem do movimento de resistência na sociedade brasileira e como ele se expressa, realizei análises bibliográficas na base de dados do scielo e no portal de teses e dissertações da CAPES, com os descritores identidade negra, estética e preconceito

Elaborei o mapeamento e fiz análise de páginas no facebook que tratassem sobre o tema da pesquisa.

Solicitei as (aos) administradoras (res) das páginas, que aceitaram participar da pesquisa, que publicassem – o esclarecimento dos que participam da página que trata-se de uma pesquisa - a seguinte questão: *“Por que você decidiu passar pelo processo de transição e assumir o cabelo crespo?”*. Diante do aceite dos mesmos e das respostas que se referiram a esta questão – realizei a análise das mesmas, buscando compreender o significado do processo de transição para os participantes dessa página,

Além disso, formulei e enviei o questionário - com roteiro de questões comuns - para ser respondido pelos administradores (as) das páginas no facebook - com o intuito de compreender a percepção destes sobre o processo de transição no contexto da construção da consciência e identidade negra e da luta contra o racismo.

Capítulo 1: TEORIAS RACIAIS E A CONSTRUÇÃO DA NEGAÇÃO DO *SER NEGRO*

Desde muito pequenas, as crianças afrodescendentes vêm diversas representações negativas sobre o cabelo crespo, tanto dentro quanto fora de suas casas. Há um processo de negação permanente, e de diversas maneiras, da identidade negra: o cabelo é uma delas. As crianças crescem ouvindo que cabelo crespo é cabelo “ruim”, isso reforça um processo de negação de si, de sua identidade, dos seus valores, de sua história, de sua ancestralidade africana.

‘(...) A negação dessa identidade negra é muitas vezes o único caminho enxergado por essas mães. É como se a exclusão dos elementos negros, do dia-a-dia, pudessem blindar as suas crianças, de vivenciar agressões racistas, de serem feridas e machucadas. Mulheres que foram moldadas pelo racismo, e por vezes, feridas e machucadas por este também desde a infância e adolescência. Essa tentativa de retirar símbolos negros do nosso cotidiano também pode ser interpretada como uma forma de negar a nossa ligação com o nosso passado africano. E é no cabelo que uma parte desta nossa ligação com a África está circunscrita. Uma ligação que tanto pode ser física, como traduzida em signos (...)’.³

Segundo Nei Lopes, trata-se de um processo denominado por ele de “*desafricanização*”:

“O processo através do qual se tiram ou se procura tirar de um tema ou de um indivíduo os conteúdos que o identificam como de origem africana. Processo psicológico e cultural de desconstrução da identidade dos africanos e seus descendentes em diáspora”⁴

Essa identidade se materializa de forma ambígua uma vez que é incompatível com aspectos morfológicos e raízes culturais do sujeito. Para esta análise é necessário considerar o corpo como um mecanismo fundamental, pois está diretamente ligado a identidade do sujeito.

“A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo. A imagem ou enunciado identificatório que o sujeito tem de si estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo obriga-lhe a sentir e pensar” (SOUZA, 1983, p.6)

³ SOARES, L. O “pente que me penteia” vêm de África: Histórias de identidade racial e efetividade. Disponível em: <http://www.blogueirasnegras.org>. Acesso em out.2014

⁴ LOPES, 2004 apud Gabriela Ramos. “Estética: Liberdade, Moda e Identidade”. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org>. Acesso em out. 2014

Dessa forma, os negros, majoritariamente, espelham-se no padrão hegemônico de beleza partindo não só de uma instância física através de uma metamorfose de sua estética (a mudança da textura do cabelo através de relaxantes, clareamento da pele, e afinação do nariz e dos lábios), mas também psicológica e comportamental (a maneira de pensar e se expressar). Por isso, entendo que historicamente a identidade do negro se caracterizou pela desconstrução/negação do *ser negro* através de um processo de desafricanização e o remodelamento artificial (camuflado) deste ser.

Nesse primeiro capítulo, apresento como foi construído o processo de negação da identidade negra e como este influencia o comportamento de parte significativa da sociedade no que diz respeito à estética negra.

Para tanto, parto da análise das relações raciais no processo de construção da identidade nacional; entendendo que nesse processo consolidou-se a construção da negação do *ser negro*.

Teoria da *degeneração*, teoria do *branqueamento* e a tese da *democracia racial*: a construção da identidade através do processo de ser e negar-se negro

A concepção de raça – já existia desde a antiguidade, como forma de fundamentação e justificação de mitos e religiões, determinando questões políticas e sociais de cada povo. Para os gregos, por exemplo, a diferenciação se dava através do aspecto cultural, pois pessoas não cidadãs da Grécia, eram consideradas bárbaras.⁵ Na população hebraica o que os define está no âmbito religioso⁶ (PEREIRA, 2013).

Desta forma, pode-se observar que o racismo nem sempre fora legitimado através de características físicas nem muito menos se estabelecia por meio de uma relação intrínseca entre essas com comportamentos morais e capacidade intelectual como pressupõe as teorias raciais pseudocientíficas.

O conceito de raça foi intensamente utilizado para tentar explicar a diversidade humana. Munanga (s/d) analisa, semântica e historicamente, as diversas compreensões sobre este conceito.

⁵ Eram considerados cidadãos da Grécia os nascidos na pólis grega, filho de gregos livres (fora da condição de escravos) e que acreditavam nos deuses de sua cultura. Essa dimensão de cidadania excluía maior parte da população como mulheres, servos e camponeses.

⁶ Considera-se hebreu aquele que possui uma linhagem genealógica constituída primeiramente através de Adão e Eva, e em seguida dos três filhos de Noé.

De acordo com esse autor, o racismo é abordado a partir das “raças”, e as teorias que o justificam têm origens: mítica e histórica.

A primeira concepção baseava-se em estudos na área da Teologia e, através da descrição de passagens das Escrituras Sagradas - como o mito bíblico de Noé -, justificava e legitimava o racismo anti-negro.

“Algumas das mais antigas expressões da negritude como uma “maldição” emanaram da estória bíblica de Cam. No início do século VIII, Wahb Ibn Munnabih, um árabe de origem persa, escreveu, “Cam, o filho de Noé, era um homem branco, de rosto claro. Deus – Poderoso e Exaltado – mudou sua cor e a cor de seus descendentes por causa da maldição de seu pai”. Lá pelo século XI, a maldição da negritude estava amarrada à permanentes e perniciosas suposições sobre habilidades inatas.” (SWEET, p.2 2005apud PEREIRA, p.57-58 ,2013)

A segunda origem do racismo fundamentava-se na concepção de “raça” originada no modernismo ocidental. Através da relação intrínseca entre as características morfológicas e as qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais esta concepção classificava a espécie humana em raças, hierarquizando-as.

“... o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto desse ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (Munanga, s/d)”

O racismo baseado na pigmentação da pele, mais precisamente, o “racismo anti-negro”, possui seu marco no século VII, no contexto histórico de expansão do Islamismo no território árabe com a escravização de povos africanos, sustentada por ideais de cunho racista que se perpetuam até hoje. Outro acontecimento histórico que contribuiu para a consolidação do “racismo anti-negro” é a transação do tráfico negreiro, que envolveu a participação de boa parte dos países europeus, momento o qual marcou o início do pensamento racial moderno, com a relação direta das predisposições humanas a questões biológicas que foram cada vez mais fortalecidas da contemporaneidade, através de estudos científicos (PEREIRA, 2013).

A classificação hierarquizada a que se dispõe as teorias raciais, serviram de fundamentação para o racismo “científico” – pseudo ciência que teve forte influência entre os

séculos XVIII e XX, e foi base para o estabelecimento, justificativa e legitimação das relações de poder, dominação, exploração, escravidão e extermínio das “raças” consideradas inferiores.

O racismo “científico” teve forte influência no pensamento social brasileiro. Diante do contexto histórico marcado pela proclamação da independência, pela abolição da escravidão e pela proclamação da república, emergiu a necessidade da distinção do Brasil como nação soberana frente às demais nações; da consolidação do Brasil como numa nação “civilizada”.

Uma das principais questões colocadas pelas elites, e expressa na teoria social da época, foi a constituição da identidade nacional. A maior preocupação era a miscigenação do povo brasileiro. Os questionamentos giravam em torno da possibilidade e desafio de criar uma identidade nacional diante da grande heterogeneidade e miscigenação racial, com predominância das raças consideradas inferiores - majoritariamente negra - que marcavam a constituição do povo brasileiro. A miscigenação foi vista ora como obstáculo ao alcance da “civilização”, ora como elemento central da especificidade da cultura brasileira.

A primeira concepção sobre a miscigenação baseou-se no modelo civilizatório eurocêntrico como referência para a constituição do Brasil como nação soberana. Dessa forma, entendia a heterogeneidade cultural – tida como consequência direta da heterogeneidade racial - como um empecilho, como uma barreira para a construção nacional homogênea. Dela emergiram duas teorias: a tese da *degeneração* e a tese (ideologia) do branqueamento.

Arthur Gobineau (conde francês, espécie de embaixador da França no Brasil entre os anos de 1869/1870) foi um dos principais representantes da tese *da degeneração*. Na obra “Ensaio sobre a desigualdade das Raças Humanas” (1855), Gobineau afirmava que a miscigenação levaria a população brasileira à degeneração, à extinção, devido ao “atraso” biológico das outras “raças” em relação à branca.

Nesse mesmo campo, surgiram outras leituras, entre elas destacou-se a que acreditava na constituição de uma futura nação brasileira branca construída gradativamente. De acordo com essa visão, o branqueamento da população brasileira - via mestiçagem com predominância branca – possibilitaria aos negros e índios adquirirem herança física e intelectual do branco.

“Silvio Romero, por exemplo, entendia a existência de uma hierarquia racial (‘escala etnográfica’), afirmando que essa mistura é que apontava o caráter particular do Brasil, dando origem a “uma sub-raça mestiça crioula”- porém sob o predomínio dos brancos, em razão da sua cultura mais desenvolvida (cf.SKIDMORE, op. cit., p.50-51apud COSTA, 2010)”.

A teoria do embranquecimento teve grandes repercussões no Brasil durante o século XX, sendo fortemente alimentada pela teoria da eugenia⁷. Segundo PEREIRA (2013), no Brasil prevaleceu a eugenia Neo - lamarckista, que pregava uma “correção” dos genótipos de indivíduos mestiços através do cruzamento com indivíduos da raça branca. Entre os autores que trabalhavam a temática se destacam João Batista Lacerda (1846-1915), Sylvio Romero (1851-1914), Oliveira Vianna (1883-1951) e Nina Rodrigues (1862-1906), este último, embora pessimista a teoria, discordando sobre os futuros efeitos que ela teria, participou do debate que naquele contexto se apresentava como a questão chave para o dilema da identidade nacional brasileira.

Tal teoria se legitimou nas políticas públicas do país e a partir disso foram criadas leis governamentais de branqueamento no Brasil que foram apresentadas no Congresso Nacional e sancionadas pelo Poder Executivo, dentre elas o Decreto nº 528, de 28/06/1890, que possuía a finalidade de regular a entrada de imigrantes no país, restringindo a vinda de negros e asiáticos, mas incentivando a imigração de trabalhadores brancos europeus.

No seu Artigo 1º estabelecia-se que:

“É inteiramente livre a entrada, nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho que não se acharem sujeitos à ação criminal do seu país, *exceptuados os indígenas da Ásia ou da África*, que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos de acordo com as condições que forem então estipuladas”. (VAINER, 1990:106 apud PEREIRA, 2013)

Na Constituição de 1934, no 8º parágrafo do Artigo 138 dizia ainda: “à União, aos Estados e aos Municípios” nos termos das leis respectivas “estimular a educação eugênica⁸”.

Embranquecendo o corpo e a mente da população brasileira, o governo brasileiro buscou fomentar políticas públicas que se baseavam em teorias raciais de branqueamento, não apenas na esfera social, mas também na educação. Ela se legitimava no seu aspecto físico, social e, sobretudo, intelectual, onde obteve mais êxito. Fortalecendo o ideal racista na sociedade e nas futuras gerações.

⁷ “um movimento que acreditava na perfectibilidade humana a partir da genética e que incentivou a ‘seleção da espécie’ a partir do cruzamento entre indivíduos puros e superiores. A prática da eugenia teve seu ápice com a instituição no nazismo na Alemanha governada por Hitler a partir de 1933” (PEREIRA, p. 63, 2013).

⁸ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm acesso em: 04/10/2015

Em 1938 foi criado por Getúlio Vargas o programa CIC, Conselho de Imigração e Colonização, que regulava a cota anual de imigrantes das respectivas nacionalidades (ABREU, 2011).

No período em que se sucederam tais medidas de imigração houve-se um fluxo muito grande de estrangeiros vindo da Europa incentivados pelo governo brasileiro. Havia muitos negros americanos que se retiravam de seu país de origem em busca de um lugar para viver longe da discriminação racial que se instalava nos EUA, tentando se estabelecer nas terras brasileiras, acreditando que no aqui encontrariam a “liberdade racial”. Porém, a entrada de negros e indígenas permanecia restrita em funções das leis e regulações de branqueamento.

Rocha (2010) destaca a análise de Kabengele Munanga sobre a tese do branqueamento. “Embora tenha fracassado em seu principal objetivo, essa ideia segundo Munanga, teria vingado por meio de mecanismos psicológicos, que permaneceram intactos no inconsciente coletivo brasileiro, rondando sempre nas cabeças de negros e mestiços” (Idem, *ibidem*, p. 16).

Ou seja, apesar de ter falhado no aspecto físico, a essência ideológica do branqueamento fixou-se na mente do negro e do indígena, alimentando o estereótipo de superioridade dos brancos entre as raças. A ideologia do branqueamento causou danos ao negro brasileiro gerando um conflito interno de autorreconhecimento, ou seja, um questionamento de sua identidade, além do sentimento de autonegação de sua estética.

Dessa forma, entendo que na ideologia do branqueamento ser negro também significava o “*não existir*” na medida em que propunha a negação dos traços diacríticos dos negros.

No campo das perspectivas que consideravam a miscigenação do povo brasileiro como elemento central da especificidade da cultura brasileira, como fator essencial para a instauração da identidade nacional brasileira - destaca-se a obra “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freire. Neste livro, ele apresentou a análise que deu origem à tese da *democracia racial*.

Segundo Bastos (2004), Freire fundamenta sua análise a partir da distinção de dois eixos: a) os efeitos raciais e as influências social, cultural e do meio; b) o sistema de produção econômica e; das forças que o mesmo considerava operar a partir desses eixos, quais sejam: a dominação patriarcal e; a “confraternização” entre colonizadores e colonizados - advindo da escassez de mulheres. Através destes aspectos, Freire defende a tese do papel civilizador - nas

relações sociais e culturais por meio das trocas de saberes - desempenhado pelo escravo no processo de adaptação do branco ao trópico brasileiro.

Essa assimilação teria acontecido através da inversão dos papéis- entre colonizadores e colonizados-, estabelecendo na mediação da dominação, visto que o negro e o índio possuíam o conhecimento sobre a realidade brasileira, incorporando assim o papel de civilizador. Para Freire, sem o conhecimento dos negros e índios, o europeu não conseguiria consolidar o processo de colonização do Brasil. Dessa forma, considera que este contexto e essas condições teriam propiciado o estabelecimento de relações raciais híbridas e harmônicas, instituindo um ambiente de quase reciprocidade cultural.

De acordo com Bastos (2004), nesta leitura de Freire:

“(...) os atores aparentemente marginais ganham o centro do palco, mudam o rumo da história. São eles que criam em outro patamar as relações sociais. Terminam por impor seu modo de vida, sua visão do mundo, seus costumes, sua estética, sua fala. Assim, altera-se a ordem social, mudam-se os papéis. O dominante acaba por ser dominado. E o dominado, por dominar, impondo sua cultura. Trata-se para o autor, da figuração da democracia” (sem página).

Freire apresenta a relação entre negros, brancos e indígenas como “democrática”, o que impossibilitaria distinções raciais no processo de colonização e formação do Brasil nação. Essa interpretação nos levaria a concluir que, nessa ordem social, as oportunidades são iguais para todos e que negros teriam acesso aos direitos civis e reconhecimento igual ao branco sem nenhum problema de integração.

“(...) decorreria desse processo uma tendência, por parte da população não-branca, de fuga à realidade e à consciência étnica, por meio da aceitação dos mitos que recobrem a discriminação. Ou seja, a identidade e a consciência são escamoteadas e busca-se, por parte da população negra, uma identificação com os grupos brancos (...)” (Bastos, 2004).

Essa interpretação *freiriana* das relações raciais na sociedade brasileira foi (e ainda é) um grande empecilho ao combate ao racismo, obscurecendo os reais danos que este trouxe aos negros mediante a sua inserção social e impedindo de se pensar o racismo como uma questão social e política.

Essa concepção da realidade brasileira omitiu os vários conflitos e revoltas que ocorreram durante a colonização que resultou em uma identidade nacional *deturpada*, retratando a história

do país somente na visão do colonizador e distorcendo o papel dos negro e indígenas na construção da mesma.

Essa identidade está efetivamente difundida na sociedade, podemos observar isso através dos livros didáticos que contam detalhadamente o “descobrimento do Brasil” pelos portugueses através das grandes navegações, enquanto os negros e índios nativos só são mencionados no contexto de escravização, como se fossem totalmente imparciais na formação histórica do país.

Desde novos somos ensinados sobre a importância dos portugueses na nossa nação e não nos vemos (afrodescendentes) sendo representados - mesmo o Brasil tendo a população negra como majoritária devido a intensa miscigenação. Essa “identidade nacional” está tão enraizada na sociedade que dificulta qualquer interpretação (ou até mesmo manifestação) que não esteja de acordo com a visão eurocentrada.

A identidade nacional é constituída a partir da história e dos elementos determinantes (unicos, exclusivos, característico) de um povo. É ela quem vai determinar a cultura, os valores morais e os hábitos da sociedade em questão (Santos, 2010).

No Brasil, percebe-se que a formação da identidade nacional foi marcada por teorias que, de diferentes formas, ou colocavam o negro no lugar do não existir (aquele que é fator de degeneração/ou deve branquear-se) ou escamoteavam (através do mito da democracia racial) a sua não existência também, ao dissimular e dificultar a percepção das consequências do racismo, colocando obstáculos significativos no enfrentamento ao mesmo em nosso país. Esse “*não existir*” se traduz, literalmente, por exemplo, no extermínio sistemático dos negros nas favelas do Rio de Janeiro – na não percepção da questão racial presente na naturalização e legitimação desse extermínio.

As teorias raciais causaram danos à imagem do negro brasileiro gerando um conflito interno de autorreconhecimento, ou seja, um questionamento de sua identidade, além do sentimento de autonegação de sua estética. Se, na perspectiva das elites, para constituirmos uma sociedade “civilizada” era necessário embranquecer a população, ser negro era visto como algo incorreto/degradante/inferior. Até hoje podemos observar o negro sendo adjetivado de forma negativa com rótulos de “marginal”, “feio”, “inferior” etc.

“desde a colonização deste país, a pessoa negra é tratada como raça á parte”, como se nossa aparência não fosse ‘correta’. Como se o ‘normal’ e desejável fosse ser branco, de

cabelos lisos. Como muitas pessoas pensaram assim ao longo dos séculos e ainda pensam (...)"⁹

Para entender as questões que pressupõe o ser negro e sua identidade é necessário analisar como a violência do racismo possui relação com a carga da brancura¹⁰ imposto aos negros.

Entendo que essa violência é expressa por meio da total mutilação e destruição de suas identidades. Tal violência possui dois viés, o primeiro consiste na tentativa incessante do negro de introduzir os ideais brancos e incorporar a projeção destes em seu corpo e, como consequência disso, o segundo se dá através da negação de si e de seu corpo (SOUZA, 1983).

Segundo SOUZA (1983), o indivíduo branco para o negro é introduzido como um ser "universal e uniforme" por meio da internalização do ideário da brancura. A brancura nesse sentido é o fetiche idealizado, capaz de levar o negro a alienação através da projeção internalizada incompatível ao seu corpo.

A brancura, grosso modo seria um ideário a ser alcançado, como um modelo perfeito a ser seguido. Dessa forma, entendo que é possível uma aproximação entre este conceito com o que era pregado pela ideologia do branqueamento. "Funciona como um pré-dado, como uma essência que antecede a existência e manifestações históricas dos indivíduos reais, que são apenas seus arautos e atualizadores" (SOUZA, p. 4, 1983). O ideal de brancura ao qual o negro é submetido é tão forte e opressor que o impede de enxergar o seu potencial.

Além da ideologia da cor que se expressa de forma mais acentuada na dimensão do racismo, existe também a ideologia do corpo onde segundo SOUZA (1983) é travado um campo de batalha entre o negro e seu consciente.

"A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar" (p. 6).

⁹ BLOGUEIRAS NEGRAS. A invisibilidade da estética negra: a dor do racismo sobre nossos cabelos. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org>. Acesso em 31 de janeiro de 2014

¹⁰"A brancura é o fetiche simétrico inverso do que a autora designou por mito negro. Funciona como um pré-dado, como uma essência que antecede a existência e manifestações históricas dos indivíduos reais, que são apenas seus arautos e atualizadores" (SOUZA, p. 4, 1983)

Os negros e as negras, que são manipulados pela brancura, são coagidos a pensar em querer exterminar seus traços diacríticos e até mesmo os de sua futura geração através do erotismo afetivo¹¹. Neste, os negros e as negras acreditam encontrar uma suposta solução para seu “*problema*” de “negritude”, na esperança de “*tornarem-se alguém*”- ascender e inserirem-se socialmente- e de garantir que seus sucessores não sofram o mesmo que sofreram. Podemos observar isso quando nos deparamos com discursos de negros que se casam com brancas para ter um “cabelo bom”, por exemplo.

Essa perseguição que o negro internaliza é reforçada diariamente em nossa sociedade. Essa opressão é tão intensa que mesmo aqueles que conseguem romper com a negação de sua identidade ainda levam um tempo para aceitarem seus traços.

"No entanto, o exercício de negação da identidade a que se livra o pensamento, não chega, também neste caso, a escotomizar (deturpar; obscurecer) a realidade da percepção. O pensamento não sucumbe, por exemplo, ao impacto da dor, interpretando a realidade corpórea de maneira totalmente fantasiada" (SOUZA, p. 12, 1983).

Além da branquitude proveniente da ideologia do corpo e da cor, há a adoção de "posturas físico-morais" onde o corpo negro vai assimilar o comportamento que julga ser restrito a brancos. Uma ideia que é alimentada pelo estereótipo de que ser negro é ser "ignorante", "sem educação", “sujo”.

É uma fala que procura escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história, transformá-la em "natureza". [...] um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas (Souza,1983, p.25).

Dessa forma, segundo Souza (1983), é introduzido nos negros o Mito Negro. Este, produz inverdades acerca da beleza do negro, associada ao “feio”, do seu condicionamento físico, vinculado ao "animalesco"- entendendo o ser negro como o elo perdido entre o homem branco e o macaco- estigmatizando estereótipos e os tornando naturais, ao ponto de serem internalizados e vistos no imaginário social como verdades absolutas.

¹¹ São relações sexuais ente uma mulher negra ou mestiça e um homem branco, e vice-versa (MUNANGA, p.39, 2012).

Capítulo 2: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E OS EFEITOS DO RACISMO

A ditadura da beleza no mundo contemporâneo existe e está para além da cor da pele. É um fenômeno que não só afeta os afrodescendentes, mas a todos os indivíduos que não estão inclusos no padrão de beleza estabelecido na sociedade brasileira, pautado historicamente e hegemonicamente no referencial branco eurocêntrico.

Por mais que o complexo de inferioridade no que diz respeito à beleza, afete a diferentes indivíduos de diferentes classes e raças, quando nos deparamos com a situação do negro percebemos algo a mais, pois o negro para alcançar uma aceitação na sociedade precisa negar a si mesmo, seja na sua cor e na sua forma corporal, seja na sua história e na sua cultura.

Essa negação de si, a negação da sua identidade e dos componentes que a constituem é materializada devido à existência do racismo. O racismo é o que difere os negros dos demais indivíduos na busca de uma aceitação estética.

Por isso entendo que trabalhar a temática da identidade negra é fundamental para entendermos como os efeitos do racismo na fragmentação do ser negro possui relação com a invisibilidade da beleza negra e com o movimento de autoaceitação dos cabelos crespos.

Segundo MUNANGA (2012), a identidade negra possui duas instâncias: a objetiva, definida através de características culturais e linguísticas, e a subjetiva, formada a partir de uma autodefinição do grupo. Toda e qualquer identidade se constitui por meio da diferença entre o “eu” e o “outro”. Os indivíduos se definem descartando o que de certa forma não consideram lhes representar, ou seja, no que não se identificam, sendo todo o resto uma gama de características que em conjunto contribuem para a formação da minha personalidade.

A identidade de um grupo social surge a partir das diferenças em relação aos “outros”. A identidade negra brasileira - assim como todas as identidades negras- nasce a partir da discriminação e mediante os conflitos e as tensões entre negros e brancos (SANTOS, 2010).

"Mas como uma identidade subjugada ela opera nas transformações no cenário político porque a partir do momento em que é estabelecida transforma paradigmas [...] Ela faz parte daquelas identidades, que começam a aparecer pelas vozes de intelectuais negros e negras no contexto provocando modificações no campo científico."(p. 21-22)

Cabe destacar que, a identidade negra (na perspectiva subjetiva) pode ser construída de múltiplas formas, se expressando de diversas maneiras. Dessa forma no meu objeto de pesquisa a

identidade pode advir, por exemplo, pela autoaceitação da estética, através da relação do cabelo e sua manipulação. No entanto, pode se constituir, também, através das religiões de matrizes africanas como o “Candomblé, Xangô, Umbanda, Vodun ou até mesmo das danças afro como: Jongo, Congo, Coco, Tambor de Crioula, Maracatu ou qualquer outra forma que o negro tenha de se expressar como tal através de inúmeros elementos que existem da cultura negra” (SANTOS, sem página, 2010).

Os negros em diáspora buscaram diversas formas de se reencontrarem com a sua identidade, sua história, suas memórias e sua cultura recriando símbolos e tradições que remetem à África instaurando diversas expressões do mundo negro. Nesse sentido a identidade do negro vai se estabelecer não somente pelos legados herdados, mas também pelo contexto no qual estão inseridos, através de uma combinação e recombinação de estilos sem que se percam as suas matrizes identitárias. Por exemplo: penteados afros que não tiveram origem da África, mas que têm suas influências.

Para Munanga (2012), a identidade negra é formada por três fatores que são essenciais, sendo eles o fator histórico, linguístico e o psicológico¹². Cada um deles atuando de diferentes formas e intensidades no processo de construção da identidade do negro africano e em diáspora. No entanto, o autor destaca o fator histórico - que se configura pela união de elementos simbólicos de um povo -, sem desconsiderar os demais fatores, como aquele que possui maior relevância, haja vista que constitui a base que define a cultura, a religião os valores e a história compartilhada entre os indivíduos que estão em inseridos em determinado contexto.

O extermínio destes elementos, e qualquer outro que estivesse relacionado à memória Africana, foi uma das grandes ferramentas utilizadas no processo de colonização a fim de facilitar a “domesticação” (consolidação) e impedir a resistência do negro. Para Munanga (2012) o fator histórico torna-se importante para a recuperação dos valores que outrora foram perdidos. A

¹²Munanga (2012) define o fator linguístico e o fator biológico, da seguinte maneira: o primeiro diz respeito às línguas nativas do continente Africano que foram perdidas devido a colonização, a transição do negro de sua terra para outras em uma condição de escravos. Porém, em algumas religiões e danças de matriz africana preservam-se a prática do uso de yorubá em certos rituais. Outras formas de linguagem também preservadas são os estilos de penteados "afros" e os estilos musicais que surgem na história tendo o negro como protagonista (Black, Soul, Jazz, Funk e Rap). Já o fator psicológico diz respeito ao temperamento do negro que é ainda uma indagação. Se realmente este for relevante, deve ser considerado em uma perspectiva histórica e na condição social em que o sujeito está inserido. Vale ressaltar que analisar este fator no âmbito biológico é inválido uma vez que tal relação é algo inoperante e superada no campo da biologia.

história escrita ou oral é construída coletivamente e através de memórias, podendo ter constantes reelaborações. Sem memórias, não há história.

Se entendêssemos que existe a identidade negra única, para ser negro seria necessário que os sujeitos determinados seguissem a risca cada um dos fatores levantados, o que seria muito difícil devido à colonização – que retirou do negro o contato com a sua história, sua terra e sua língua nativa. Nesse sentido podemos definir então que não existe "a identidade negra" e sim "as identidades negras", identidades que são alcançadas de múltiplas formas e por vários caminhos.

Considero que definir identidade apenas partindo de conceitos biológicos é insuficiente, pois nem todos os negros se enxergam como tais. Da mesma forma que se autodeclarar negro também seria insuficiente porque nem todos que se autodefinem como tal vivem integralmente os valores culturais negros. Para se definir as identidades negras é preciso considerar segundo Munanga, os fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, políticos-ideológicos e raciais.

A identidade negra na forma mais ampla seria a definição postulada por Munanga (2012)

“Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania” (p.16).

Destaco ainda a percepção deste autor acerca da identidade como uma ideologia (MUNANGA, 2012). Nesta, a identidade eurocêntrica funciona como um mecanismo de manipulação dos negros, levando em conta que esta é a identidade hegemônica. Isso é visto na medida em que é retirado dos negros sua consciência identitária, impondo-lhe outra que não lhe condiz, alienando-lhe.

É importante ressaltar que a identidade negra não se baseia apenas em desconstruir a identidade eurocentrada, mas também no resgate dos valores perdidos ao longo da história do sujeito negro, o retorno às raízes a "reconquista de si e de uma dignidade autônoma", uma ação necessita da outra.

Segundo Munanga (2012) quando o negro e a negra recusam à manipulação da ideologia branca e se volta ao exercício de recuperação ‘Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano “normal”’ (p.43). Dessa forma, para este autor, a busca pela

identidade negra vai se realizar por intermédio da negritude¹³ que se apresenta mediante a consciência racial e o sentimento de ser sujeito integrado e participativo da mesma.

O movimento de negritude segundo Bernard Lecherbonnier (1977, p. 105 apud Munanga, 2012) possui diversas definições que se condessam em duas interpretações: a mítica e a ideológica. A primeira estaria atrelada a um resgate do componente histórico tão fundamental para a construção identitária de pertencimento de todo o povo negro que outrora fora interferido pelos ocidentais. Buscando da fonte, a África, a verdadeira história do negro que pouco é explorada nos contextos em diáspora. A segunda se desdobraria com a negação da brancura imposta pelos europeus, uma resposta direta de contrapartida a discriminação racial vivida por todos os negros.

Munanga entende que estas interpretações se complementam na medida em que a interpretação mítica contribui para a perspectiva da raiz identitária dos negros e a ideológica projeta ações de expressões de resistência e a propagação da consciência negra.

Embora ambas as concepções caminhem em sentidos diferentes, elas se complementam, pois a concepção mítica só estabelece o movimento de retorno às origens e recuperação dos elementos que constituem a identidade negra, sem projetar no futuro o movimento de negritude e resistência. E a ideológica necessita da mítica para subsistir, pois esta se constitui como a base de todo o movimento.

Trazendo essas duas concepções para a realidade do objeto da minha pesquisa, a fim de entender o movimento de autoaceitação dos cabelos assumidos pelas mulheres negras, entendo que a concepção mítica estaria atrelada a conscientização do cabelo do negro como um elemento que carrega consigo muitos significados e representações tendo uma grande importância cultural e religiosa para os negros de diferentes etnias na África e em diáspora, sendo um fator fundamental e delimitador na identidade negra. Na concepção ideológica, o cabelo vai se mostrar como um elemento político de afirmação de identidade negra e de luta contra a discriminação racial.

Assim como Souza e Munanga, entendo que a identidade negra historicamente é definida através da negação do negro, do seu corpo, sua cor, seu povo e sua história. Uma negação que é fomentada pelo racismo, fruto das teorias raciais que, durante muito tempo, e ainda hoje servem de base para sustentar a supremacia da raça branca sobre as demais.

¹³ A *negritude* seria tudo o que tange à raça negra: é a consciência de pertencer a ela (MUNANGA, p. 58, 2012)

Quando o negro e a negra tomam ciência da manipulação em que estão subordinados eles se voltam para o compromisso de readquirir os valores que outrora foram submetidos a negar.

Para Munanga (2012) é a partir disso que os negros passam a se enxergar no ponto de vista estético, como qualquer outro indivíduo, enumerando traços negativos e positivos a cerca do seu corpo. Em contrapartida Souza (1983) defende que a violência racista é internalizada no sujeito negro, o afetando psicologicamente de tal forma, que este não consegue retirar do seu consciente todos os estereótipos racistas a cerca do seu corpo que lhe foi ensinado ao longo de toda a sua vida, ou seja, este sujeito negro embora sabendo da existência da dominação branca, encontra dificuldades de assumir sua identidade enquanto negro devido aos efeitos psicossociais do racismo.

Para mim, ambas as apreciações são válidas, uma vez que as duas são possíveis porque cada ser negro possui uma história e experiência de vida diferente. Uns conseguem se aceitar, outros encontram obstáculos que só são superados através de tratamentos psicológicos.

Uma das grandes questões da identidade é que um indivíduo não é definido apenas na maneira como ele se enxerga e como ele se autodenomina, a forma como o outro me vê também é um fator que me defini, pois se esse outro me olha com desprezo e preconceito isso vai influenciar, de alguma forma, em grande medida ou não na maneira que eu me autodefino. Pensando nisso, nos deparamos com a questão da ausência de reconhecimento, na verdade um reconhecimento que se estabelece de maneira ambígua.

“Quando a sociedade brasileira olha para o negro e para a negra e os destitui do lugar da beleza, ela afirma uma determinada proposição, um julgamento em relação ao negro e sua pertinência étnico/racial, que pode ou não ser internalizado pelo sujeito. Contraditoriamente, ao tentar destituí-los do lugar da beleza, essa mesma sociedade reconhece-os como negros, uma vez que para rejeitar é preciso antes reconhecer” (GOMES, p. 128-129, 2008).

O ser humano é formado através das relações sociais que ele estabelece em comunidade, são vínculos que contribuem para a construção da identidade subjetiva do indivíduo. A identidade parte de um estado mais ampliado, formada através do social, até o particular, onde observamos os reflexos da sociedade na identidade subjetiva do sujeito.

É por isso que é fundamental que a questão étnica racial do Brasil seja um assunto discutido nos espaços educacionais, pois é nesses lugares que a discriminação racial é acentuada

e onde muitas vezes meninos e meninas negros não se veem representados na construção da história nacional. Por isso a importância da incorporação da lei 10.639/03¹⁴ nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Acredito que a efetivação prática dessa lei diminuiria a desigualdade e o preconceito racial que ainda se faz tão presente no país, estimularia no negro brasileiro o sentimento de pertencimento à sociedade, além de contribuir para consciência e afirmação identitária deste.

Recuperar esses laços que foram desconstituídos é um importante mecanismo que foi adotado pelo movimento negro - que prevalece até hoje na militância negra - sendo a transição do cabelo alisado para a textura natural mais uma das múltiplas formas de se resgatar.

¹⁴ Lei que torna obrigatório o ensino de história e cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de nível fundamental e ensino médio, destacando o papel dos negros na formação da sociedade Brasileira.

Capítulo 3: O CABELO CRESPO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA RACIAL

As primeiras coisas que me chamaram atenção, ao obter o material do trabalho de campo em mãos, foram algumas palavras repetidamente utilizadas pelas pessoas para responder à questão “porque você decidiu passar pelo processo de transição e assumir o cabelo crespo?”. Ao responder a essa questão, a maioria dos comentários fazia referência à forma como as pessoas se sentiam antes, durante e depois do processo de transição. Considero que são expressões que dizem respeito à construção da identidade, e aparecem de forma tão marcante nas falas, no que diz respeito ao processo de vivência da aceitação do cabelo crespo, que decidi elaborar e iniciar a análise do material pela elaboração do quadro abaixo:

<p>Desconstrução do ser negro e construção da Identidade Eurocêntrica (Antes do Processo de Transição)</p> <p>Medo do preconceito, negação, escrava, vergonha, cansaço, difícil, problema, prisão, sofrimento, morte, insatisfação, tristeza, ódio, desespero, estranho, feio, ruim, negativo, obrigação, chateação, “falsa sensação de bem estar e autoestima”, tormento, artificial, frustração, inquietude, “falta de amor próprio”, violência, esconder-se, renegação, não reconhecer-se, violência física, ditadura.</p>	<p>Desconstrução da identidade eurocêntrica e construção da identidade Negra (Pós Processo de Transição)</p> <p>Feliz, liberdade, paixão, alegria, orgulho, “maravilhosa sensação”, amor, aceitação, lindo, adorar, poderosa, livre, vida, leve, coragem, “amor próprio”, desobrigação, reconhecimento, resistência, bonito, encanto, valorização, bem, realização, forte, revolução, renascimento, autoestima e afirmação.</p>
---	---

Considero que os sentimentos expressos em cada um dos momentos (pré e pós transição) permitem perceber o que denominei, a partir da leitura de Souza (1983) de movimento único, qual seja: no processo de construção-desconstrução de si. Este movimento se desdobra em dois sentidos, construir-se desconstruindo (negando-se), desconstruir-se reconstruindo (aceitando-se).

A análise das palavras utilizadas nos comentários recebidos, nos quais as pessoas definem como se sentiam ao não aceitarem seu cabelo crespo e decidem fazer uso da química, revelam como esse processo está relacionado a umas das formas de desconstrução do ser negro e construção de uma identidade embranquecida - construir-se desconstruindo, ou seja, negando-se. Alguns comentários destacam: “esqueci como eu era”, “é como esquecer-se de si, de sua história”. Por outro lado, aparece de forma muito nítida e diretamente em contraste com as palavras utilizadas para se referir ao momento anterior ao processo de transição, o sentimento dessas pessoas ao aceitarem seus crespos – a desconstrução da identidade embranquecida e construção da identidade negra (desconstruir-se reconstruindo, ou seja, aceitando-se).

Ao prosseguir na análise do material coletado, buscando responder e entender se, e de que forma, o processo de transição caracteriza-se como um dos meios de construção das identidades negras, pude perceber na fala dos seguidores predominantemente quatro diferentes respostas: 1) afirma-se que passar pelo processo de transição significou a conquista de liberdade, a obtenção da autoestima e a afirmação da identidade estabelecida por meio de um posicionamento frente ao preconceito contra o cabelo e a discriminação racial. Dessa forma pressuponho que esse processo, para a maioria das pessoas que se decidem por ele, se faz de forma consciente; 2) afirma-se que o processo de transição foi uma necessidade para fins estéticos; 3) afirma-se que ter passado pelo processo de transição apenas por questão de “gosto” ou meramente por “modismo”; 4) afirma-se que o processo de transição foi necessário por questões de saúde.

Para melhor análise achei importante fazer um levantamento de dados quantitativos das respostas obtidas, pois isso poderia sinalizar o que realmente caracteriza esse processo no que diz respeito ao objetivo principal da pesquisa. Dos 200 comentários coletados: 89 apontam em seus discursos para o processo de transição no sentido político, de consciência racial, luta contra o preconceito, aceitação e afirmação de identidade; 79 indicam o processo de transição para fins estéticos, pois afirma-se que a transição se fez necessária devido a uma auto insatisfação da própria aparência e por ter que se submeter a tantos processos químicos em prol de um padrão de beleza; 5 experimentaram a transição capilar por acharem bonito e por estar na “moda”; 6 relataram ser necessário, pois os procedimentos químicos estavam lhes fazendo mal a saúde e, 22 deram respostas insuficientes para classificar ou relataram causas variadas.

Os dados quantitativos demonstram que a adesão ao processo de transição na sua grande maioria ocorre em direção a um sentido político, onde se coloca em jogo questões que são peculiares a comunidade negra, como o preconceito dos cabelos crespos e a invisibilidade da estética negra, a perda da própria identidade na busca de uma assimilação aos padrões eurocêntricos de beleza e o posicionamento dessas mulheres mediante a todos esses fatores que se colocam como obstáculos a serem superados para a reconquista da identidade negra.

Entendo que o processo de transição atrelado às questões estéticas também traz um elemento importante para a reflexão aqui proposta, pois para o negro – dado todo o histórico de negação de seu padrão de beleza - o fator estético e político, conforme pude perceber na análise, são indissociáveis, haja vista que nesse processo ambos se complementam, já que um não ocorre sem a intervenção do outro.

Como visto, as outras duas opções que aparecem como respostas, apesar de surgirem como justificativas, em termos quantitativos se tornam irrelevantes ao comparar-se com as demais.

Na análise dos comentários podemos encontrar depoimentos de pessoas que vivenciaram situações difíceis para assumirem suas raízes e traços africanos. A trajetória de negação das madeixas crespas sacramentada pelos preconceitos e estereótipos presentes ao longo de toda a vida; a falta de referências estéticas como forma de inspiração e motivação para auto afirmação, sobretudo em ambientes familiares; a ausência de profissionais e estabelecimentos especializados em cabelos crespos e; a falta de apoio e a desaprovação da própria família, são os motivos que mais aparecem como justificativas para a não afirmação dos cabelos, restando como “alternativa” e imposição: o uso da química.

O processo de negação e o preconceito pelos cabelos crespos é cultivado desde a infância. Desde então, aprende-se a inferiorizar os cabelos e isso é ensinado aos filhos e filhas - uma herança passada de geração a geração e que é produzida e reproduzida pelas diversas representações negativas e que as crianças absorvem dentro e fora do lar. Esse processo é na maioria das vezes a única “alternativa” encontrada pela própria família para amenizar a violência emocional e psicológica a qual as crianças negras estarão submetidas. Nos depoimentos a seguir é possível observar como que isso se estabelecia.

“Quando eu era pequena, eu achava meu cabelo crespo lindo, só que nem mesmo a minha mãe achava. Então um dia minha mãe começou a me levar no salão para "alisar" o cabelo com soda cáustica. Eu sofria muito, tenho marcar na cabeça e pescoço de queimaduras que o produto me causava. Eu saía do salão com vergonha daquele cabelo escorrido, **não era eu**” (grifos meus).

“Porque eu sempre amei cabelos crespos, mas desde criança meu cabelo vivia com alisamentos, todo mundo dizia que meu cabelo era "ruim" e difícil de lidar, e eu, **com medo de não ser aceita, deixava minha identidade ir pro ralo junto com os produtos**, até que eu decidi que a opinião dos outros não importava. Eu estava cansada de passar alisantes, de fazer chapinha e escova dia e ver que meu cabelo estava cada vez pior. Eu decidi passar pela transição pois cansei de agradar os outros, eu vi que a atenção e o amor de que eu mais precisava, eram os meus” (grifos meus).

É interessante analisar como em diferentes fases da vida podem ocorrer mudanças na relação do negro com o cabelo: na infância, a criança se vê obrigada a aceitar as imposições feitas pela família, como nos casos descritos acima. Tanto o processo de transição quanto o BC¹⁵ são realizados, principalmente, no período da adolescência e na fase adulta, momento em que o sujeito obtém maior autonomia sobre si e sobre seu próprio corpo.

“O processo tenso e conflituoso de rejeição/aceitação do ser negro é construído social historicamente e permeia a vida desse sujeito em todos os seus ciclos de desenvolvimento humano: infância, adolescência, juventude e vida adulta.” (Gomes, 2008, p.124)

Cabe destacar que a autonomia na vida adulta não leva de forma automática à adesão ao processo de transição. Para tanto, há elementos que são decisivos: postura da família, amigos e amigas, maior quantidade de pessoas aderindo ao processo de transição, maior acesso a informações de cuidado e produtos específicos para os cabelos crespos, criação de espaços virtuais ou presenciais que fortalecem esse processo, discussão sobre as questões raciais mais presentes na sociedade. Pude verificar isso em alguns comentários:

“Pq quero conhecer o meu cabelo natural...são 30 anos de química, única forma q conhecia para lidar com cabelo crespo...agora vendo nas redes sociais tantas crespas cuidando com carinho de seus cabelos e a variedade de produtos próprios q agora tem q antes não tinha, quero experimentar....estou a 7 m em transição e pretendo fazer o bc por esses dias ...ansiosa”

“vários motivos me levaram a alisar, mas depois de um tempo eu resolvi q iria ter meu cabelo cacheado de novo e dessa vez fui atrás, ver vídeos sobre cachos, comprei produtos, varias blogueiras do YouTube me inspiraram e ajudaram a me incentivar, fora minhas duas amigas Manu Gaunt e Ketlen Xavier que estão me ajudando e encorajando a passar pela transição, creio todas aq sabem o quanto é difícil, q a autoestima fica lá

¹⁵ Big Chop, na tradução “Grande Corte” é o termo utilizado para se referir a retirada de todo o cabelo alisado ou quimicamente tratado de forma a modificar a sua textura natural.

embaixo por conta do cabelo ficar com duas texturas, mais só de sentir a liberdade de não precisar colocar mais química no cabelo.”

“Uma palestra na escola no dia da consciência negra me fez perceber **que não era simplesmente abandonar uma ditadura de beleza**, ou seguir o que muitos acham que é moda.. **Eu entendi que ter meus cachos era retomar a minha essência, assumir minhas raízes e minha personalidade, e aqui estou no início dessa liberdade!**”(grifos meus).

A figura da família desempenha papel fundamental ou até mesmo decisivo no processo de construção da identidade negra, as referências e experiências obtidas no ambiente familiar são fatores que influenciam tanto de maneira positiva quanto negativa.

“**Cada cacho do nosso cabelo carrega uma história linda de luta e de liberdade. Cada cacho representa cada pessoa que sofre algum tipo de preconceito e tenta alisar ele de alguma maneira.** Eu escolhi ser assim. Sempre fui assim. Cacheada. **Minha família desde sempre me fez sentir a mais linda com cachos.** Me sentia tão a vontade apesar dos pesares, na escola e na rua. Acho que a família tem um papel fundamental na aceitação”(grifos meu).

“**eu lembrava do cuidado que minha avó tinha com meus cabelos, os elogios que meus cachos recebiam quando eu era criança,** eu já contava com profissionais que olhavam meu cabelo e não tinham vontade de alisá-lo. Sinto que tudo conspirava para que eu me livrasse da química”(grifos meus).

“Não foi por falta de escutar minha mãe dizer "**menina deixa disso, seu cabelo é lindo!**" e sim da sociedade também dizer isso, porque na escola falavam mal do meu cabelo e minhas colegas se exibiam com os lisos delas. Sim hoje a sociedade tem aceitado um pouquinho mais porém ainda sim existe as piadinhas e os preconceitos que eu finalmente deixei de lado e pude ser eu mesma. **Digo que a vergonha do meu cabelo caiu junto com meu cabelo alisado**”(grifos meus).

Em alguns comentários esse aspecto fica mais explícito. Segundo algumas mulheres, o apoio da família, no processo de transição, considerado por parte significativa das mulheres como um processo sofrido e delicado, pode tornar-se mais ou menos difícil. De acordo com alguns comentários, foi no ambiente familiar que algumas mulheres encontraram maior rejeição e insatisfação.

“Até que um dia resolvi deixar crescer sem fazer nada e fiz o BC, foi uma loucura, **parte da família não aceitou, minha mãe perguntou se eu ia ficar com esse cabelo** e eu respondi: **Eu já aceitei e adoro ele, falta você aceitar o que você gerou!** Bom, ela agora ama!”(grifos meus).

“Pq há 20 anos fui **escrava de mim mesma por não me aceitar** com o tipo de cabelo que eu tinha e **vivia em uma sociedade que tbm me dizia que meu cabelo era feio e precisava alisar pra ficar igual a elas** e eu entrei nessa onda e sofri muito. Quando foi a virada de 2012 pra 2013 eu já estava me vendo com outros olhos e não queria mais

aquele cabelo alisado, o ano de 2014 foi o ano D pra mim não foi fácil e não tive apoio de nenhum lado até mesmo de minha família que me dizia que eu tava louca!!! "Seu cabelo tava lindo!? pq mudou? eu não gostei!" Isso era o que ouvia constantemente de todos. Mas continuei firme no meu propósito, hoje já tô com 2 anos de cabelo natural, **mudei a minha história, a da minha família que hoje minhas irmãs estão de cabelo natural e minhas colegas de trabalho que tbm me criticava tbm começaram aderir cabelo natural.** Não foi fácil,mas conseguir,minha auto estima tá lá em cima” (grifos meus).

Os depoimentos revelam que possuir um refencial dentro da própria casa é algo importante no processo de *torna-se negro*, pois as primeiras experiências do sujeito com seu cabelo são mediadas pela figura da mãe, do pai, ou de qualquer outro ente querido mais próximo¹⁶. Além disso, é nessa fase da vida que o ser humano mais absorve e reproduz referências alheias e onde se tem a formação do caráter do indivíduo.

Ainda sobre a percepção acerca do papel da família e a decisão pelo processo de transição, algumas mulheres - que sofreram durante a vida toda por usarem química - por quererem proteger suas filhas e filhos, e não reproduzir a prática e o discurso racista e preconceituosos em relação aos seus, decidiram-se pelo processo de transição. Neste caso, são os filhos e filhas que estimularam essas mulheres a assumirem seus cabelos.

“Resolvi voltar a ter meu cachos depois que minha filha passou a me questionar pq meu cabelo era diferente do dela. Um dia quando eu estava em frente ao espelho fazendo chapinho no meu cabelo ela disse "- quando eu crescer vou ter o cabelo igual ao da mamãe" ai eu parei, e foi como se eu tivesse tomado um choque de realidade e passei a me pergunta **será que eu quero que minha filha passe por esse sofrimento de não ser quem realmente é.** Então decidi parar de estragar meu cabelo, estou na transição há 9 meses vou cortando meu cabelo com química aos poucos e ainda tô aprendendo a finaliza-lo, mas a cada cachinho que cresce vejo minha filha feliz por saber q a mamãe é igual a ela. Minha filha foi minha inspiração.” (grifos meus).

”Pela minha filha, ela tem 6 anos (5 na época) qdo ela me disse q qria ter o cabelo liso igual o meu .. Isso me cortou o coração pois os cachos dela são perfeitos !!! Ai contei q o meu belo era igual ao dela e q eu iria ficar igual ela novamente”

Em alguns lugares, o preconceito e os conflitos existenciais, produzidos pela relação do negro com o seu cabelo, se acentuam, dentre eles: a escola e o trabalho. O ambiente escolar é um dos primeiros locais no qual a maioria das crianças estabelece relações sociais mais amplas - diferente da vida social existente na família, amigos e vizinhança -, onde se obtém de forma frequente interações inter-raciais, em que “o diferente” vem à tona de forma mais intensa,

¹⁶ Através da manipulação e estilização dos cabelos, um ritual presente na infância dos negros e negras.

abrindo espaço para os apelidos pejorativos que marcam a história de vida das crianças negras. Junto com eles veem as exigências da “norma” escolar de adaptação aos padrões estabelecidos de aparência e comportamento, exigências que trazem consigo de forma implícita um preconceito racial introduzido, disfarçados em questões higiênicas (GOMES, 2008).

“sempre tinha vergonha daquele cabelo diferente dos "outros", depois de muitos anos seguindo esse padrão de beleza... tive uma filha q hoje tem 6 anos e com cabelo crespos, **cansei de vê-la chegando da escola chateada pq os coleguinhas sempre falavam que seu cabelo alto e duro, sempre tinha q explicar para que não tivesse vergonha das suas origens que nossa história de luta, repressão e discriminação sempre vai estar presente.só que ela sempre vinha e falava e pq vc esta com o seu liso?** Ficava sem saber o q falar....depois disso tomei coragem e parei de alisar...”(grifos meus)

“**Sou negra e professora da rede pública.** Em um determinado momento cansei dos processos químicos e de só me sentir bonita com os cabelos escovados. **Surgiu uma inquietude no fato de permitir ser dirigida por um padrão e me deparar com a frase "Arrumar os cabelos", quando a frase oculta era "esconder sua identidade".** Entrei em um processo de reflexão que durou quase 1 ano. Nesse período transei minhas madeixas, que eu nem lembrava como eram em seu estado natural. **Nesta fase estava sofrendo por um racismo velado, que eu mesma respondia como "falta de afinidade".** Essa pessoa que me perseguiu por meses, certo dia resolve de forma covarde usar meu cabelo para me ferir, fazendo um comentário racista e desagradável, que o melhor era ter cabelo bom que não necessitava "desses recursos", enquanto balançava seus cabelos de um lado ao outro. **O que me assustou é que uma educadora com esse pensamento estava cuidando de crianças de diferentes etnias.** Essa situação foi crucial para uma revolução no meu pensar. Assumi meus cachos e hj milito na causa e venho desempenhado nos últimos anos um trabalho voltado ao empoderamento e representação das crianças negras no espaço escolar (grifos meus).

No que se refere ao mercado de trabalho, alguns comentários também trazem aspectos importantes para a análise, pois a preocupação com a imagem e a aparência ao entrar no mercado, acentua-se na população negra. O cabelo do negro e os penteados estilizados como as tranças dreadlocks, boxbraids, rastafári ainda são extremamente discriminados. Em 24 de novembro de 1998 foi vetada a lei federal 1.905 que proíbe a expressão “*exige-se boa aparência*” em anúncios de recrutamento de processos seletivos, porém a prática persiste e ainda podemos encontrar diversas agências de empregos e empresas que apontam a questão como critério de seleção nas entrevistas particulares.

Então há 1 ano resolvi não fazer mais relaxamento e alguns meses não faço nem uma escova! Achei que meu cabelo ficou maravilhoso assim, **me sinto livre!** Mesmo aparecendo pessoas, que me dizem alguns absurdos como: **"se vc não alisar o cabelo vai perder o emprego!** "ou "vc vai ao um casamento com o cabelo assim” **É difícil, manter os cabelos assim não só pelo tratamento, mais por causa da sociedade!** Mais

esta geração está aqui pra isso, para mudar pensamentos arcaicos e preconceituosos! (grifos meus).

A existência ou não de profissionais qualificados, assim como, de estabelecimentos e de produtos de cosméticos especializados em cabelos crespos é outro aspecto que influencia em grande medida na autoafirmação estética.

Eu sabia muito bem como era o meu cabelo sem química e com vida. **Fazer relaxamento foi uma forma de cuidar até eu descobrir bons profissionais e produtos para cabelo crespo e cacheado.** Fiz a transição sozinha, de forma natural e sem sofrimento [...] **eu já contava com profissionais que olhavam meu cabelo e não tinham vontade de alisá-lo.** Sinto que tudo conspirava para que eu me livrasse da química (grifos meus).

bom eu resolvi assumir meus cabelos por **falta de profissionais competentes todo os cabeleireiros são mal informado sobre nosso cachos não sabem cortar nossos cabelos não sabem nada** toda vez que ia fazer relaxamento passavá muita raiva era só pra relaxar um pouco sem dirar os cachos e vinha com eles liso então eu **cansei de tar dinheiro pra esses profissionais mal informado** (grifos meus).

Essa ausência só confirma a tentativa de invisibilizar a estética negra. No entanto, apesar dessa situação, a comunidade negra crespa, a partir das experiências adquiridas na vida, compartilha seus conhecimentos e cria maneiras e formas de manipulação e cuidado com os cabelos.

Atualmente percebe-se o fortalecimento, conhecimento e divulgação de múltiplas técnicas e métodos adotados pela sociedade crespa na manipulação dos seus cabelos. Destaco alguns deles abaixo:

- Cronograma Capilar: técnica que funciona como um guia, uma agenda de planejamento que especifica o tratamento que deve ser utilizado em cada semana de acordo com as necessidades de cada cabelo;
- Twists: técnica de finalização dos cabelos mais difundida nos EUA que na tradução significa “torções”, pois consiste na em torções das madeixas dos cabelos para modelagem dos cachos.
- Fitagem: técnica de finalização utilizada para modelar os fios, possui esse nome pois consiste em dividir as madeixas dos cabelos deslizando o creme de pentear da

raiz até as pontas formando fitas. Ela ajuda a distribuir o produto por todo o cabelo e mantê-lo definido por mais tempo.

- No/Low poo: “No poo” que na tradução é sem shampoo, “Low poo”, pouco shampoo. São técnicas desenvolvidas pela cabeleleira Lorraine Massey e popularizada nas redes sociais e através de seu livro “Curly Girl”. Consiste na utilização de produtos de cabelos com agentes de limpeza mais leves, pois acredita-se que existe alguns componentes químicos que são utilizados no mercado fazem mal a estrutura capilar dos cabelos crespos e cacheados.

Através de muitos comentários, é possível perceber o papel fundamental que as redes sociais desenvolvem no processo de transição, pois tornou-se um espaço onde essas mulheres em meio ao drama e a baixa autoestima encontram apoio, ajuda e solidariedade. Através desse mecanismo muitas delas adquirem conhecimentos acerca da beleza negra, compartilham com o mundo a sua experiência de vida, promovem eventos e encontram inspiração e força para não desistir do processo de transição, e resistir e se defender do preconceito e racismo.

As redes sociais são um dos locais nos quais esse movimento se sustenta, se expressa, se fortalece e se expandi.

“..eu não aguentava mais alisar o cabelo e me esconder atrás de algo que não era meu, não era verdadeiro, morria de vergonha de andar com ele solto passei minha infância e adolescência com ele preso, também não tinha muita referência de cabelos crespos em televisão ou cosméticos, **encontrei no facebook o blog da Ana Lídia ela é adolescente, mas ela me encorajou a cortar**, eu mesma peguei a tesoura, e cortei toda parte lisa, o primeiro impacto chorei muito, porque achava que todo mundo não ia gostar e isso realmente aconteceu, mas não me abati, sofri muito mas resisti, faz um ano já. E foi minha melhor decisão!!!” (grifos meus)

“Depois q passei pela transição, vi que as pessoas mais bonitas se vestem de si mesmas. E comecei a me aceitar e me amar muitooooo mais!!! Mas, não foi fácil.. Muitas pessoas próximas, inclusive, q tinham cabelos afro , porém, alisados...diziam que eu não iria conseguir...que ficaria feio. Que não ia voltar ao original. Pressão psicológica mto chata!!!! Mas, resistir!!! **Buscava ajuda e aconchego em blogs de pessoas q estavam passando pelo msm processo. Tipo, uma corrente do bem e de amor ao próximo, via que todas que estavam no processo se ajudavam e davam força uma a outra!!!** E deu certo!!! Foi 1 ano de transição, que chamava de " metamorfose" rrsr que a lagarta se transformaria em borboleta...sairia das amarras dos padrões ditados pela sociedade ...iria voaaar e ser livreeee e lindaaaaa!!! Hoje, Me acho linda e maravilhosa com meu cachinhos!!!” (grifo meu)

”Assisti antes e durante a minha transição e ainda assisto: *videos*, de mulheres que resolveram assumir o seu cabelo natural, isso me ajudou muito, me fortaleceu. Faz um ano que estou com meu cabelo natural, nao agradou a todos e claro; o importante e que

estou muito feliz, que eu amo o meu cabelo e nenhum comentario preconceituoso, vai fazer com que eu mude a textura do meu cabelo.”

”E foi atraves dos blogs q eu me indentifiquei, fui conhecendo pessoas q passou pela tranzição e contando sua historia foi um grande estimulo. E com 23 anos resolvi passar pela tranzição, com 1 ano sem quimica fiz meu (BC) tenho 8 mes de BC to muito feliz em poder conhecer meu cabelo. **Tenho tudo guardado, do meu processo de transição, pra qdmh filha crescer mostrar. Pra ela n cometer o mesmo erro q eu. Quero q ela sinta orgulho do cabelo dela.** Q nunca precise tacar creme ou quimica p esconder o volume, **n quero q ela sinta vergonha nunca do cabelo quero q ela sinta orgulho dos cachos dela.** Vamos mudar o mundo e encinarnosos pequeno” (grifos meus).

É comum encontrar relatos de insatisfação por parte dos seguidores dos espaços virtuais na relação que estabeleciam com seus cabelos. Isso acontece de maneira ambígua, uma vez que alisar o cabelo significa o “fim” da perseguição dos olhares preconceituosos e o início de uma “aceitação social”, porém com essa escolha vem também a consequência de ter que lidar com a violência física e emocional que tal processo proporciona.

De início por questões de saúde fui parar algumas vezes na emergência com fortes dores de cabeça e um médico me disse que eu tinha sinusite algo que eu nunca tive e ela me perguntou se eu usava química (era o início do uso de progressiva aqui aquela bem forte mesmo) falei que sim **usei toda minha vida relaxamento e no último ano da progressiva, então fui aconselhada a parar, pois aos respirar no processo da química iria agravar meu caso** cada vez +[...] até que com poucos meses de transição descobri que não era a única tentando largar a química fiquei mt feliz, e quando cheguei na fase desesperadora que antigamente eu voltaria para a química tomei coragem e fiz o bc. **Foi libertador e percebi que precisava conhecer meu verdadeiro cabelo, que fiz discurso de ódio para ele e nem o conhecia de verdade** (logo que meu primeiro relaxamento foi com os 3 anos de idade) e **fui me apaixonando e me amando.** Sim de início era apenas cabelo, hj se tornou uma questão de amor próprio que a transição me ajudou mt a trabalhar (grifos meus).

“Porque nunca me senti realmente bem com o cabelo relaxado, era estranho, por vezes, feio, mas o "não é bonito, o cabelo ruim" não me deixavam quebrar essa barreira em mim. Ao ingressar na faculdade - majoritariamente branca -, fez com que acordasse para vida, me afirmasse enquanto mulher preta, pois me reconhecer como preta sempre me reconheci e com isso acabei por decidir que na minha formatura quero e vou estar com o meu cabelo natural, bem alto, mostrando e sendo a minha pretidão.”

Passei cinco anos com um cabelo falso. Até posso dizer que fui feliz, foi bom ter tido a experiência de não sofrer preconceito de gente ignorante. Mas lá no fundo...algo que frustrava. Pois sabia que estava escondendo meus cachinhos só por causa de gente idiota. Até perdoar quem não gosta, tem gosto pra tudo nesse mundo. Mas não engulo preconceito. E é revelando meus lindos cachinhos que mostrarei que sou maior que a opinião dos outros e que não sou alienada pela mídia. Meu cabelo não é ruim..

Partindo do pressuposto que a identidade do indivíduo depende da relação estabelecida com seu próprio corpo, ao analisar os comentários pude perceber diversos discursos que apontam para a reconstrução da identidade negra através da desconstrução da referência eurocêntrica racista.

Diversos comentários relatam atitudes tomadas e sentimentos expressos que indicam o processo de negação de si: negação das raízes africanas, negação de suas vontades e de si mesmo - provocado, naturalizado e imposto por um padrão de beleza e estética que tenta se impor e apresenta-se como único. Essa imposição – muitas vezes não percebida, naturalizada - provoca por vezes situações de desconforto e de insatisfação com o próprio corpo. Na maioria dos relatos, os depoentes destacam como ocorre essa relação, antes, durante e depois do processo de transição.

“Nunca me senti completamente a vontade com meu cabelo alisado. Mas sempre diziam que o bonito era liso e que meu cabelo, no seu natural, por ser crespo era ruim e feio. Acreditei! Fiquei alisando. Até que algumas amigas negras, que usavam cabelo natural, me incentivaram a deixar o meu também. Passei meses pensando nessa possibilidade. Mas a coragem não vinha... Até que um dia tive coragem, preferi não pensar muito e cortei logo. No início é realmente bem difícil, o processo de transição não fácil, mas passa. E não me arrependo da minha escolha. Vale ressaltar: que não vejo problema em alisar o cabelo. O grande problema está na motivação. Quando alguém alisa porque acha que diferente do liso não presta, aí temos um problema. Pessoas que machucam e acabam com seus cabelos por causa dessa busca obsessiva por um cabelo liso, isso sim é um problema. E era por isso que eu alisava, mas quando eu comecei a ver que existem outros tipos de beleza me aceitei mais e me acho muito melhor com meu cabelo natural. Nem todos precisam concordar que algo é bonito, só entender que existem formas diversas de beleza” (grifos meus).

“Foram tantos anos renegando a mim mesma, que decidi: chega! Não aguentava ficar presa a um coque por anos e **ali não somente estava preso um cabelo junto estava minha autoestima, personalidade e a alegria de poder me sentir bem.** Não consegui me adaptar a nenhum tipo de alisamento acha que realmente não era eu. Foi daí q vi mulheres incríveis com cabelos incríveis e pensei - será que eu também tenho esse poder todo? Descobri que tinha tudo isso e mto mais!!!!”(grifos meus)

“Eu não aguentava mais depender da química! Meu cabelo estava viciado, e quanto mais tempo eu ficava sem passar, mais ele quebrava e caía. Cheguei a ficar sem cabelo na parte de trás da cabeça e, foi nesse momento, que pensei: **“Por que vou esconder a minha identidade? Por vergonha ? Preconceito alheio? Não, sou bem maior do que isso!”.** Desde então cuidei do meu cabelo como se fosse minha vida e está enorme hoje em dia! E tenho orgulho de dizer "Meu cabelo é crespo, mas dá de 1000 a 0 nesses lisos escorridos que nunca vai sentir a MARAVILHOSA sensação de poder acordar sem precisar tocar no cabelo, sentir ele pesar quando sacudir a cabeça, fazer uma chapinha e ouvir dos outros 'Nossa, você está diferente! Mas prefiro você de cabelo enrolado...' E recomendo: Ser quem você é é o melhor remédio !!!!!”(grifos meus)

“Mas gostaria de deixar o comentário que **quando eu alisei totalmente o cabelo aos 9 anos , eu tive a falsa sensação de bem estar e autoestima**. Eu olhava minhas colegas com cabelo liso e franja e pensava, porque eu também não posso ter uma? mulheres bonitas na tv são aquelas com os cabelos lisos”

O processo de alisamento é um experimento realizado de forma tão precoce e frequente pelos negros e negras que até mesmo esquecem como realmente são. Esquecer-se de como era é esquecer-se de si, de suas origens, de sua história, de sua própria identidade.

“Eu não me reconhecia mais. Eu me olhava no espelho e via uma completa estranha me olhando de volta. Minha autoestima também tava um lixo. Ai, minha salvadora da pátria, [Thalita](#) me mostrou como ela se reencontrou e me trouxe pra luz. Eu relutei, alisei mais uma vez, pra me arrepender logo em seguida, mas acabei cedendo e gente, posso dizer que hoje eu mesma me olho no espelho, minha autoestima vai mt bem, obrigado, e eu sou mil vezes mais feliz” (grifos meus).

“A partir do dia que me perguntaram se meu cabelo era cacheado e porque eu alisava, parei na hora e não soube responder. Depois me perguntaram qual era o tipo de cacho, e eu descobri que não sabia como ele era. **Decidi assumir, e descobrir como realmente sou**” (grifos meus).

“Tem vezes que você se olha e se vê escrava de um padrão imposto e ao qual você não pertence. Eu me olhava no espelho e não me reconhecia. Desde os 13 anos minha mãe relaxava meu cabelo, eu não sabia como meu cabelo era, como eu ficava melhor com os cachos, como podia me sentir bem comigo. Passei do relaxamento a progressiva e meu cabelo cresce muito rápido, então achava que a raiz do meu cabelo era frisada (não é, depois do BC descobri que é lisa)” (grifos meus).

Desse modo, o termo “assumir suas raízes” possui um duplo sentido, o de aceitação a textura natural do cabelo e o de afirmação de identidade e ancestralidade africana. A experiência de passar pelo processo de transição para muitas mulheres é na maioria das vezes um momento difícil, e até mesmo sofrível, algo tão grave que exige que seus participantes tomem medidas e posicionamentos com o propósito de contornar e amenizar a situação, afinal não se trata apenas de uma questão estética, visto que também envolve o preconceito social que por sua vez influencia na autoestima e na ausência de autorreconhecimento, porém, significou um momento decisivo e único de se redescobrir.

“Aceitação, esse foi o ponto pra mim! Depois que eu percebi que só é bom ou ruim, feio ou belo aquilo que é padrão posto pela sociedade eu comecei a pensar o que era bom ou ruim pra mim, automaticamente comecei a me aceitar da forma que eu era, ver aquilo que era lindo ao meu redor e eu não percebia, cortei o cabelo bem curtinho, pois usava muita química (Henê) fiquei feliz da vida e hoje tenho orgulho de ter meu cabelo natural e belo do jeito que ele é e sempre foi!” (grifos meus)

“Porque eu percebi que por mais que eu alisasse o cabelo, **ele nunca ficaria do jeito que a sociedade me fez acreditar que ele deveria ser.** Não aguentava mais gastar rios de

dinheiro *pra "me consertar", me adaptar*. Já estava com o cabelo tão fraco que chegava estar ralo. Um belo dia (não sei bem quando e como) a ficha caiu que era uma violência *passar tanto tempo se submetendo a produtos agressivos, prejudiciais a saúde em nome de uma estética forçada*, e quis ver como era o meu cabelo, que eu nem fazia ideia de como era pois alisava desde os 5 anos de idade. JJ vivo bem, feliz e realizada com meu black há 4 anos” (grifos meus)

“Por que meses depois que alisava, **minha raiz gritava alto, dizendo quem eu realmente era, denunciando uma historia de luta , repressão**. Eu teimosa, alisava de novo, mas minha raiz não se cansava, e **me dizia que não precisava ser aceita, nem seguir nenhum padrão**. Ai, me rendi!” (grifo meu)

“**Eu olho no espelho e vejo a Negra linda que sou**. Não preciso do cabelo crespo para afirmar a minha raça, mas de uma certa forma, é um tapa na cara da sociedade. Muitos me perguntam " o que vc vai fazer cm seu cabelo quando a moda passar?" Respondo que **meu cabelo não é moda, pois nasci cm ele assim**. Amanhã eu posso mudar de idéia e voltar a relaxar? Não sei. **Só sei que descobri a beleza da minha raça, dos meus traços, do meu quadril largo, meu nariz e principalmente meu cabelo”**

”Não tive transição, fui direto para o BC em 2012. Acordei um dia com a ideia fixa de que precisava me livrar daquele cabelo liso que não era meu de verdade. *Quando o cabelereiro cortou, me senti renascendo*. **Hoje em dia sou muito feliz com meus cachos, acho que eles culminam todo o processo de autoaceitação que vivi nos últimos anos**. Eles me ajudam a ser mais autoconfiante, a me olhar no espelho e pensar "olha como eu sou bonita". É uma parte muito importante de mim.”

Uma das intenções da pesquisa ao elaborar as questões destinadas às administradoras era observar a relação que é estabelecida por elas e suas leitoras, no entanto essa relação direta correspondente de seguidores e as administradoras não foi possível, pois nem todas as administradoras que responderam ao questionário publicaram a pergunta para seus seguidores ou as que postaram não enviaram suas respostas do roteiro.

Apesar disso, decidi, levando em consideração a similaridade da temática das páginas e do público que as segue, analisar em que medida os conteúdos postados e a abordagem utilizada pelas administradoras de maneira geral refletem nos comentários.

A primeira questão presente no roteiro é: Você passou pelo processo de transição? Por que e como foi esse processo?

Cacheia Administradora 1: Sim, eu passei por esse processo. A minha transição foi um tanto quanto confusa, eu tinha 15 anos de idade e foi justo quando comecei a namorar que desisti de fazer progressiva. Meu cabelo estava fraco, seco, caindo muito, cheio de pontas duplas, quebradiço e super volumoso (mesmo liso). Comecei a tratar dele e a lavá-lo com mais frequência. Até o momento eu não pretendia voltar aos cachos, eu só não queria estragar meu cabelo mais ainda. Parei de fazer chapinha e só o usava preso. Sofri muito, admito, auto estima baixa principalmente. Mas acho que toda cacheada que já passou pela transição entende isso. É um ponto essencial da vida de cada uma. É uma forma de valorizarmos nós mesmas, nossa batalha, vencer o preconceito. Na minha opinião, é disso que se trata a transição. Não é algo pra ficar “na moda”. Já me falaram “*mas você voltou aos cachos só porque ta todo mundo usando*”. Acho que foi a

coisa mais sem noção que já me disseram. Não ficaria 1 ano e meio usando o cabelo preso, gastando com cremes e chorando de tristeza pra simplesmente ficar “na moda”. Entendo quem faz isso, mas simplesmente não entra na minha cabeça. Demorei um pouco a me acostumar com o volume, com o frizz, com todas as características do meu cabelinho natural que a tanto tempo tinha cismado em sumir. Mas é só costume. Libertar os cachos: a melhor coisa do mundo é você lavá-lo, deixá-lo secar sem passar nada e andar pela casa com ele natural. É um ótimo jeito de conhecê-lo. Repetindo, meninas, queridos leitores, mulheres, cacheadas de todo o Brasil/mundo: Ter cachos é uma questão de auto-aceitação. É uma luta contra o racismo que está, infelizmente, dentro de nós. Luta contra o preconceito de todos para provar que você é capaz, você merece ter o cabelo assim e SIM, VOCÊ PODE. E isso NUNCA, nunca vai sair de moda.

Cacheia Administradora 2: Comecei meu processo de transição em 2012. Eu alisava o cabelo há muito tempo e naquele ano feito uma progressiva. Meu cabelo crescia muito pouco e eu já não me sentia realmente bonita com aquela aparência. Certo dia, assistindo o vídeo de uma blogueira que acompanhava ouvi pela primeira vez o termo “transição capilar” e decidi pesquisar sobre o assunto. Quando descobri que era possível voltar ao cabelo natural não tive dúvidas: entrei em transição. Não fiquei em transição capilar por muito tempo, esperei cerca de 4 ou 5 meses para cortar o cabelo bem curtinho. Durante a transição, recebi muitas críticas e percebi que muitas pessoas que conviviam comigo tinham crenças absolutamente preconceituosas. Tive que enfrentar a resistência de pessoas da minha própria família. Apesar disso, consegui concluir esse processo com a ajuda de blogs e grupos no Facebook.

Meninas de Cabelos Crespos : Um dia me olhei no espelho e já não lembrava mais como era meu cabelo então decidi tirar o megahair que usava a pelo menos 4 anos, cortei toda parte com química e coloquei tranças. Estou com as tranças a 11 meses e cada vez que eu tiro as tranças eu vejo meu cabelo (tipo 4c) crescendo fortemente da mesma forma que é a minha posição contra o que a mídia impõe desde sempre que só o liso é belo.

Meu Cabelo Não é Miojo: Sim. Decidi passar pelo processo por necessidade, não aguentava mais o peso de todas as perdas que tive na procura de uma aparência publicamente aprovável. Foi um processo difícil decorrente aos olhares de reprovação e o cansaço mental por todas as vezes que tive que explicar sobre esse processo pra a as pessoas que achavam que eu estava "sem dinheiro para retocar" e algumas até me perguntaram se havia ficado "doida". Me perguntei muitas vezes se valeria a pena!

Cabelo Encaracolado: Sim. Passei pelo processo da transição. Porque não aguentava mas ser dependente de alisamentos, não aguentava mas ser dependente de relaxamentos, não aguentava mas ser ESCRAVA de todos os produtos a qual alisava meu cabelo, produtos a qual abaixava a raiz do meu cabelo. Queria me sentir livre, precisava ser livre em relação produtos ao meu cabelo. O processo de transição foi um processo bem demorado, e que exigia muita paciência, e muitos cuidados, pelo fato do meu cabelo estar totalmente com de alisamento, e acredite não é algo fácil.

Meninas Black Power: Sim. Entendi que meu cabelo se relacionava diretamente com o que eu acreditava e não fazia sentido me submeter aos procedimentos químicos para alterá-lo se eu nem ao menos sabia o que ele era e como se comportava. Passei alguns meses sem química, fiz o BC e depois usei tranças por cerca de nove meses.

Blog das Cabeludas: Sim. A parte mais difícil foi me ver pela primeira vez sem chapinha. Evitava entrar no mar quando ia para a praia e um dia, incentivada por uma

amiga, resolvi mergulhar, sem me preocupar como o cabelo ficaria. Depois daquele dia passei a usar o cabelo preso, como tinha feito durante toda a minha adolescência. Passei mais uns dois anos de cabelo sempre preso até que cansei e resolvi cortar curto e assumir meu cabelo com volume, num corte estilo black power pela primeira vez. Foi libertador!

Como se pode observar todas as administradoras passaram pelo processo de transição, umas declaram os obstáculos que enfrentaram para o concluírem com êxito (críticas e preconceito), outras descrevem os procedimentos adotados para contornar e amenizar a situação (BC, prender o cabelo e o uso de tranças).

Analisando as respostas não só das administradoras, mas também dos seguidores, pode-se verificar que a decisão de passar pelo processo de transição acarretou na mudança da percepção do que se concebe como belo e apesar dos motivos se expressarem de formas distintas a maioria demonstram ter consciência que a transição capilar possui um significado muito maior do que estético, isso se revela na análise das respostas a questão sobre os motivos que levaram à criação da página. Perguntei: “Por que você criou essa página?” e obtive as seguintes respostas:

Cabelo Encaracolado: Criei não só essa página, mas também um canal no YouTube, para ajudar meninas e mulheres, a se aceitarem, a aceitarem seu cabelo crespo, e a amarem seu cabelo do jeito que é, e para fazer com que elas entendam que são lindas da forma que são, e que tem o livre arbítrio para fazer o que quiserem em seu cabelo.

Meninas Black Power: A princípio criei a página para compartilhar conhecimentos sobre cabelos naturais e beleza da mulher negra, com o tempo ocupei o espaço com outros assuntos relevantes como cultura negra, política afirmativa e etc. O intuito era ter um espaço onde mulheres negras fossem o centro da atenção.

Blog das Cabeludas: Logo que assumi meus cachos, em 2009, passei a ser referência para muitas pessoas, que vinham até mim pedir dicas de cuidados, cortes de cabelo etc. Percebi que não havia referências e que eu mesma iria criar referências para inspirar mais pessoas a assumirem seu cabelo natural. Assim comecei a fotografar, com meu celular, toda cabeluda que via na rua: fosse ela crespa, cacheada, ondulada, com a pele branca ou negra. E junto com as fotos publicava a história dessas meninas sobre como assumiram seu cabelo natural. A página cresceu e hoje conta com mais de 30 mil seguidoras no Facebook, mais de 11 mil no Instagram e me possibilitou conhecer muitas pessoas, histórias interessantes e que tem em comum a superação do preconceito, do racismo e da discriminação, que, começa dentro de casa e é reproduzido na escola, no trabalho, na rua e em toda sociedade.

Cacheia Administradora 1: Eu criei o Cacheia porque sentia muita falta de um site que reunisse as informações importantes para cabelo cacheado e crespo, que na época (2013) eu só encontrava em grupos no facebook.

Meninas de Cabelos Crespos: Criei essa pagina para buscar informações sobre formas de cuidar do meu cabelo, como outras tantas meninas tenho muitas duvidas e achei que a pagina seria um local onde todas trocariamos informações. Minha intenção foi criar um corrente.

Meu Cabelo Não é Miojo: Criei a página com a intenção de mostrar as mais diferentes formas do cabelo natural, de conhecer, ouvir e tornar público histórias de mulheres que também passaram por esse processo e levar inspiração e motivação para quem está começando.

Percebe-se nas respostas que, a falta de informações acerca de cuidados com os cabelos, a ausência de espaços que reunissem mulheres que aderiram ao processo, a necessidade de um meio de compartilhar ideias e conteúdos da demanda da comunidade negra e incentivar a auto aceitação são pontos que se destacam nas diferentes falas. As redes sociais se apresentam como um mecanismo favorável para a criação desses espaços, porque é através dela que parte significativa dessas necessidades é suprida, pois são lugares em que não existem fronteiras e há uma gama de conteúdos ilimitados que a internet possibilita. Fazendo um paralelo da questão com os comentários colhidos é possível afirmar que as metas e objetivos que surgiram, a partir necessidades citadas, foram alcançados com a criação das páginas. Não à toa essas se tornaram tão difundidas e populares obtendo uma quantidade tão vasta de seguidores.

Para analisar em que medida as administradoras entendiam ou não o canal de diálogo aberto por elas, através da criação das páginas nas redes sociais, como espaços que, através da aceitação e cuidado dos cabelos crespos, também se constituíam como espaços de construção de identidade negra e consciência racial, formulamos duas perguntas: a) Quais tipos de conteúdo você publica na página? e; b) O que te leva a decidir publicar esses conteúdos?

Cacheia Administradora 1: Postamos discussões **sobre padronização da beleza, racismo e feminismo**. Postamos notícias que se encaixam nesses temas também, fotos inspiradoras de leitoras e também alguns gifs e imagens incentivadoras e motivacionais para continuar a transição (grifos nossos).

Cacheia Administradora 2: Costumamos publicar dicas para cabelos ondulados, cacheados e crespos. Nosso principal foco é no processo de transição capilar. Além de cuidados básicos, receitas caseiras, resenhas de produtos, depoimentos e dicas, publicamos também textos de debate. Frequentemente discutimos com as leitoras **temas ligados ao feminismo e ao racismo** (grifos nossos).

Meninas de Cabelos Crespos: Eu publico sobre tratamentos, cortes, penteados, moda, **racismo e resistencia** (grifos nossos).

Meu Cabelo não é Miojo: Cabelo cacheado, dicas de cuidados com os cabelos e a diversidade dele.

Cabelo Encaracolado: Vídeo relatando algumas perguntas que nos fazem, e que não são só perguntas, mas sim uma forma de praticar o **preconceito**. Vídeo dizendo para as pessoas praticarem o respeito independente de gostarem ou não do cabelo crespo. Vídeo

ensinando a cuidarem dos seus cabelos. Publicação de postagens dizendo o quanto as meninas precisam amar e aceitar seu cabelo (grifo nosso).

Meninas Black Power: Moda e beleza, **cultura, educação e questões histórico-políticas referentes à população negra** (grifos nossos).

Blog das Cabeludas: Fotos e depoimentos, vídeos, links de notícia.

As respostas acima se referem à questão “a”. Verifica-se que o cabelo aparece como temática comum trabalhada por todas as administradoras. Contudo, observa-se que, na maioria das páginas, ele aparece dentro do que entendi ser um significado mais abrangente, ou seja, que se amplia em diferentes dimensões - estas vão desde assuntos do campo da educação, cultura, política, racismo, preconceito ao feminismo, sem se limitar apenas ao âmbito estético, o que me fez concluir que essa percepção aproxima-se da construção consciência negra.

Em relação a questão “b” a maioria das administradoras afirma publicar assuntos que são da demanda do próprio público, à necessidade de fortalecerem o combate ao racismo e ao preconceito, de fortalecerem a autoestima, e de ampliarem o conhecimento de autores e autoras negras desconhecidas pelo público com o qual dialogam. Alguns comentários demonstram o quanto é fundamental e eficaz a comunicação que existe entre os administradores e seus seguidores.

No que diz respeito ao retorno das seguidoras aos conteúdos/temas publicados, destacam-se aqueles relacionados às práticas, vídeos relacionados aos cuidados e dicas de produtos, temas relacionados à moda, à beleza, ao racismo, às questões históricos-políticas... Além do que algumas administradoras denominaram de “textos com temas mais sérios”. De modo geral, as administradoras consideram que as seguidoras interagem com todos os temas publicados.

A maioria das administradoras avalia que o acesso à página vincula-se fundamentalmente à necessidade de ajuda a conhecer a própria textura capilar, para cuidar do cabelo crespo e para atravessar “o difícil” caminho do processo de transição. Destaco o depoimento de uma das administradoras que abrange o que foi respondido pelas demais:

Nós tratamos no blog de um processo que pode ser muito difícil e por vezes para as mulheres: a transição capilar. A interferência direta na autoestima faz com que muitas mulheres busquem apoio. Ler o relato de outras mulheres, assistir vídeos e trocar

experiências ajuda bastante. O blog pé construído pelas administradoras que colaboram entre si e conta também com a colaboração das próprias leitoras, trata-se de um trabalho feito por várias mãos. Temos uma proximidade muito grande com nosso público e estamos sempre trocando informações e dicas. Acho que esse clima de colaboração e troca atrai as pessoas. Outros pontos são também relevantes: nossas postagens são bastante frequentes, são originais e fruto de muita dedicação. Procuramos construir cada detalhe do blog com muito cuidado. Atualmente existem posts bem diversos no blog que podem agradar a todo tipo de leitor. As informações postadas podem ser bem valiosas para quem tem cabelo cacheado/cresto e ainda estão aprendendo a conhecer a própria textura capilar. O Cacheia é parte de um movimento de incentivo ao uso do cabelo natural. Somos mulheres de cabelo cacheado/cresto, produzindo sobre cabelos cacheados/crestos, compartilhando dúvidas, dificuldades, críticas, dicas. Isso tudo é muito importante e atrai as pessoas porque não se tratam de sujeitos alheios à experiência do cabelo natural. Nós vivemos essa experiência todos os dias (Cacheia Administradora 2).

Das seis administradoras, metade realizou eventos presenciais, seja em espaços públicos ou em instituições de ensino. As atividades desenvolvidas são voltadas para o empoderamento estético, atrelado à consciência racial.

Blog Cacheia Administradora 2: Começamos recentemente a oferecer oficinas gratuitas para escolas públicas. Realizamos a primeira oficina numa escola na região metropolitana de Belo Horizonte. A oficina foi pensada a partir de uma temática geral sugerida pela escola “estética” e desenvolvida pelas administradoras do Cacheia. Durante uma manhã inteira discutimos com os alunos do ensino fundamental e médio sobre autoestima, padrões de beleza, feminismo, racismo e estética negra, além de realizar uma oficina de penteados, tranças e amarração de turbantes. Os alunos participaram ativamente propondo questões e participando do debate. Algumas alunas se sentiram confortáveis e compartilharam conosco parte da sua trajetória pessoal e dificuldades enfrentadas. Foi um debate muito interessante e rico para todas nós. Certamente aprendemos muito mais do que ensinamos.

Meninas Black Power: O coletivo executa principalmente atividades socioeducativas focadas em crianças e jovens. O objetivo é falar de identidade, valorização da própria cultura e respeito à diversidade. Além disso temos o evento oficial, Encrespando, e outros que derivam dele, como Social MBP.

Blog das Cabeludas: Sim, desde 2014 realizo encontros com as seguidoras. As atividades são variadas: contação de história infantil, oficina de turbantes, de bate-papo, oficina de cartazes, fui uma das organizadoras da Marcha do Orgulho Cresto em São Paulo, Brasília e Porto Alegre e o próximo encontro será para comemorar meu aniversário com as meninas que seguem a página.

A falta de tempo é a principal justificativa para as administradoras que não realizam eventos.

Por fim, perguntamos para as administradoras se era possível, através da análise dos comentários às postagens publicadas, verificar, no processo de transição, a constituição da identidade negra e de resistência e luta contra o racismo?

Blog Cacheia Administradora 2: Sem dúvida. **Muitas pessoas passam a se enxergar como negras a partir da transição capilar e da redescoberta de um traço importante da estética negra: o cabelo crespo.** Eu já me reconhecia como negra, mesmo com o cabelo alisado, mas **voltar ao cabelo natural me colocou em situações em que o racismo das pessoas apareceu de forma muito mais escancarada e mais violenta. Assim, passei a enxergar meu corpo também como resistência** e comecei a participar de atividades voltadas para o enfrentamento do racismo. Muitas mulheres passam por trajetórias semelhantes, ou por trajetórias bem diferentes, mas de um modo ou de outro, relatam o enfrentamento que travam em suas próprias casas, na escola e no trabalho em vários níveis (grifos meus).

Blog Cacheia Administradora 1: Sim! Muitas meninas ainda acreditam que o racismo "não existe" ou que é "bobagem", mas estamos desconstruindo aos poucos.

Meninas de Cabelos Crespos: Sim e muito. Muitas seguidoras quando resolvem entrar na fase da transição sofrem com o preconceito e na maioria das vezes isso está dentro da casa delas, sofrem com familiares, companheiros, amigos e no trabalho em sua grande maioria. Procuro conversar com elas pra que tenham força e não se abalem, mas se imponham.

Meu Cabelo não é Miojo: Sim. **Frequentemente entende-se que o real motivo da existência do movimento é resistência e luta contra o racismo, autoaceitação e orgulho da identidade negra e luta contra o incentivo a beleza padronizada** (grifos meus).

Cabelo Encaracolado: Sim. E total certeza de que o racismo é diário. E sim, nós resistimos ao racismo todos os dias, e em diversos lugares, como em Shopping, em uma Sala de aula, nas ruas e etc. O racismo é diário! Portanto, DIGA NÃO AO RACISMO.

Meninas Black Power: A maioria das mulheres que optam pelo retorno ao cabelo natural busca maior conhecimento de sua identidade negra e valorização do mesmo através da exposição de suas características originais (grifos meus).

Blog das Cabeludas: Para muitas pessoas, o cabelo é ponto de partida para compreender a sua identidade. O cabelo é símbolo de resistência ao machismo e ao racismo, já que alisar o cabelo é uma tentativa de se enquadrar num padrão eurocêntrico de beleza. Essa cobrança recai muito mais sobre a mulher. Por isso o foco do Blog é das Cabeludas é retratar histórias de mulheres crespas e cacheadas (grifos meus).

Nessa questão as administradoras demonstraram entendimento pleno do significado amplo que existe no processo de transição, uma vez que afirmam que a decisão de passar por ele e assumir suas raízes representou um posicionamento crítico frente à desvalorização da beleza negra pelo padrão eurocêntrico racista de beleza.

O cabelo do negro é um dos traços peculiares que o caracteriza e o distingue. Assumi-los representa autoaceitação e afirmação de identidade. Essa atitude, como se pode verificar ao longo da análise aqui realizada, pode ser considerada um importante elemento e momento para a constituição da consciência crítica racial.

CONCLUSÃO:

O cabelo do negro possui uma atribuição fundamental no processo de construção das identidades negras. Ele sempre teve um valor cultural que se preservou e se difundiu historicamente na população negra, se adaptando e se reinventando não apenas para a preservação de uma herança africana, mas como se vê através da pesquisa e do movimento negro, servindo como mecanismo de afirmação étnico-cultural e resistência mediante a uma sociedade marcada pela exclusão e discriminação de negros e pobres.

"O cabelo é utilizado publicamente para comunicar uma variedade de sentidos sociais e pode estar diretamente relacionado às demarcações e às internas delimitações hierárquicas das sociedades [...] Sendo um dos símbolos mais poderosos de identidade individual e social o cabelo consolida o significado do seu poder, primeiro porque é físico e extremamente pessoal; segundo porque apesar de pessoal é também público, muito mais do que privado. As efetivas hierarquias sociais podem ser simbolizadas por intermédio das formas de capilaridade que os indivíduos portam. Gênero, ocupação, idade, gênero, fé, status socioeconômico e até mesmo orientação política, além de disposições e gostos pessoais que não deixam de remeter às classes sociais, significam posições na gramática social, radicando-se nas relações de força inerentes às relações pessoais e institucionais." (SABINO, p. 116-117, 2007 apud SANTOS p.13, 2010).

O processo de construção das identidades negras é perpassado por ações e pensamentos contínuos de negação construídos historicamente e fomentados por uma sociedade marcada por um modelo estético e cultural pautado na Europa. Ao longo de toda a vida as mulheres negras aprenderam a pensarem seus cabelos enquanto “ruins” e “difícies” de cuidar.

Uma sociedade com racismo e estereótipos que introduzem no negro um sentimento de autorrejeição, lhe impondo o lugar de inferioridade, faz com que este adote determinadas estratégias de assimilação aos padrões europeus, que acarretam na perda de suas origens. A ação de alisar os cabelos é uma delas. O alisamento dos cabelos em função de uma estética imposta esta cercada de representações do processo de dominação. Por isso, refletir a cerca do processo de transição é pensar também sobre um dos meios de resgate das identidades negras.

Nos relatos coletados na pesquisa verifiquei que existe uma relação conflituosa de rejeição e aceitação entre os sujeitos e sua estética antes e depois da transição, que é ditada através de experiências positivas e negativas adquiridas com seus cabelos. Mediante isso perpassa o processo de construção e desconstrução do ser negro, onde torna-se negro pressupõe em ter uma consciência racial, saber-se negro, enxergar-se negro.

Apesar das várias análises realizadas é difícil estabelecer uma leitura precisa sobre o significado do retorno ao uso do cabelo crespo, uma vez que nem sempre essa ação perpassa na esfera da racionalidade. Porém, de maneira geral, é notório que o processo de transição se caracteriza como um mecanismo de construção da identidade negra na pesquisa, quando observamos declarações de mulheres que se reconheciam enquanto negras e que sofreram as dores do racismo sobre seus cabelos. Além disso, partindo do pressuposto que o cabelo do negro e toda a sua estética é desvalorizada socialmente e que assumi-lo tem por consequência sofrer insultos preconceituosos e olhares de repressão, entendo que essa atitude – ainda que possa ser inconsciente, por parte de algumas mulheres- é carregada de significados políticos.

Afirmar suas raízes representa a reconstrução da autoestima e uma redescoberta de si através de um reencontro com suas origens.

Mas com a grande repercussão da valorização do cabelo crespo, é necessário que venha também a conscientização do que isso representa a transformação não deve ocorrer só no âmbito físico, mas principalmente no consciente. Ao afirmarem suas raízes as mulheres negras estão expondo e anunciando ao mundo que não mais aceitarão imposições de um padrão estético e que vão enfrentar qualquer tipo de reação de preconceito e discriminação racial que a sociedade manifestar.

O movimento estético político¹⁷ das mulheres em transição foi constituído e consolidado através das redes sociais, um espaço onde as relações sociais se amplia e onde essas mulheres podem compartilhar de suas histórias, suas experiências pessoais, sobre o cuidado com seus cabelos e os preconceitos sofridos. A partir do momento em que essas mulheres decidem por passar pelo processo de transição, elas iniciam uma nova fase de sua história e esses espaços tornam-se parte de suas vidas. Nesse sentido as administradoras desses espaços e seus seguidores “fazem do meio virtual um canal de fortalecimento de auto-estima negra e não só afirmam suas identidades como também se posicionam ideologicamente combatendo o racismo e a discriminação.” (MATTOS; SILVA, p. 229, 2014)

Apesar da complexidade e das múltiplas variáveis de sentidos que a transição possui, entendo que de maneira consciente ou inconsciente esse processo contribui significativamente

¹⁷ Caracterizo o processo de transição como um movimento pois se trata de uma ação realizada por diversas pessoas de todo o mundo e ao mesmo tempo.

para a valorização da beleza e estética negra e consequente para disseminação e fortalecimento desse movimento.

Referências Bibliográficas

BASTOS, Elide Rugai. “Casa Grande e Senzala: Gilberto Freire. In: MOTA, Lourenço Dantas. Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

Black Women’s Transitions to Natural. Hair Zina Saro-Wiwa. Disponível em: <http://www.nytimes.com>. Acesso em out. 2014.

COSTA, Ricardo César Rocha. O pensamento social brasileiro e a questão racial: da ideologia do “branqueamento” às “divisões perigosas”. Revista Africa e africanidades, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MATTOS, Ivanilde Guedes & SILVA, Aline “Vício Cacheado: Estéticas Afro Diáspóricas” Revista da ABPN v.6, n.14 jul. – out. 2014, p.214-235.

MUNANGA, Kabengele. “Negritude: usos e sentidos”. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NEGRAS, blogueiras “A invisibilidade da estética negra: a dor do racismo sobre os nossos cabelos”. Disponível em: <http://www.blogueirasnegras.org>. Acesso em out. 2014.

PERIRA, Amilcar Araujo. “O mundo negro” : relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas : FAPERJ, 2013.

PEREIRA, Amilcar Araújo.”Movimento negro no Brasil Republicano” Cadernos Penesb- FUFF, RJ/Niterói- Ed. Auternativa/EdUFF nº 12, 2010.

RAMOS, G. Estética: Liberdade, Moda e Identidade. Disponível em: <http://www.blogueirasnegras.org>. Acesso em out.2014.

SANTOS, Luane Bento dos. “Para ficar bonita tem que sofrer!”: a construção de identidade capilar para mulheres negras no Nível Superior. 2010. Monografia em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SOARES, L. O “pente que me penteia” vêm de África: histórias de identidade racial e efetividade. Disponível em: <http://www.blogueirasnegras.org>. Acesso em out.2014.

SOUZA, Neusa Santos “Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social”. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.